

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Bruno Almeida da Silva

**A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE NOS PÓS-
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS DE ACORDO COM AS ORGANIZAÇÕES INTER-
NACIONAIS**

Florianópolis

2023

Bruno Almeida da Silva

**A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE NOS PÓS-
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS DE ACORDO COM AS ORGANIZAÇÕES INTER-
NACIONAIS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seabra

Florianópolis

2023

da Silva, Bruno Almeida

A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE NOS PÓS-PANDEMIA DO CORONAVÍRUS DE ACORDO COM AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS / Bruno Almeida da Silva ; orientadora, Fernando Seabra, 2023.

69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Organizações Internacionais. 3. Covid-19. 4. Recuperação Econômica. 5. Banco Mundial. I. Seabra, Fernando . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Econômicas. III. Título.

Bruno Almeida da Silva

**A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE NOS PÓS-
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS SEGUNDO AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS**

Florianópolis/SC, 27 de junho de 2023.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Fernando Seabra
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Janaina Fuhr
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Arlei Luiz Fachinello
Universidade Federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof. Dr. Fernando Seabra
Orientador

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado, especialmente, a todos os que estiveram comigo durante toda a minha trajetória de vida até este momento. Tive a sorte de encontrar pessoas do bem e que levarei comigo até a eternidade.

Primeiramente, gostaria de dedicar este trabalho à minha família, que sempre esteve ao meu lado e é a razão pela qual eu busco ser alguém melhor diariamente. À minha mãe, que fez o impossível para que eu pudesse alcançar todos os meus objetivos. Ao Edo, que me acolheu com tanto amor. Aos meus avós, que são os amores da minha vida. Aos meus primos e primas, que são meus irmãos. Aos meus tios e dinda. Tudo o que eu faço sempre foi e sempre será por e para vocês.

Aos meus grandes amigos da vida, gostaria de dedicar a vocês também. Vocês têm um papel fundamental na minha trajetória e estiveram comigo nos melhores e no momento mais difícil da minha vida. Aos amigos da Estimoarte, que, apesar da distância, estão comigo até hoje.

Aos amigos que tive a sorte de conhecer na graduação, foi um privilégio compartilhar esses anos de muito estudo, rolê e dificuldades ao lado de vocês. Especialmente ao time, Bruna, Edivan, Giulia, Gabi e Lara. Por fim, gostaria de agradecer também a minha amiga Bruna, parceira de curso, de rolês e de vida. Apesar de não seguir todos os teus conselhos, tua amizade foi fundamental durante todos esses anos e deixou a graduação muito mais especial. Como diria Mario Quintana: “a amizade é um amor que nunca morre”.

Por fim, gostaria de dedicar à UFSC, que me fez ver o mundo com um outro olhar, abriu meus horizontes e me proporcionou os melhores anos da minha vida. Tenho muito orgulho de pertencer e fazer parte da história dessa instituição.

Todas as vitórias ocultam uma abdicação.

Simone de Beauvoir (1908-1986)

RESUMO

Durante o período pandêmico, o continente sofreu inúmeros reverses em variáveis estruturais e conjunturais que levarão tempo e esforço para mitigá-los. O fechamento das economias, a perda da renda, os efeitos negativos na educação e a diminuição no comércio exterior, exigem estratégias bem elaboradas para fomentar o crescimento mais inclusivo e sustentável da região. O presente trabalho tem como objetivo analisar esses impactos econômicos adversos causados pela pandemia do coronavírus nos países da América Latina e Caribe, além de abordar a importância que as organizações internacionais, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, terão para abrir caminhos de oportunidades para implementar tal recuperação. Para o futuro, tem-se a necessidade urgente de realizar reformas para garantir a estabilidade das finanças públicas, combater a desigualdade, além de viabilizar uma recuperação sustentável da localidade.

Palavras-chave: Coronavírus. Organizações Internacionais. Recuperação Econômica.

ABSTRACT

During the pandemic period, the continent suffered numerous setbacks in structural and conjunctural variables that will take time and effort to mitigate them. The closure of economies, the loss of income, the negative effects on education and the decrease in foreign trade, require well-designed strategies to encourage more inclusive and sustainable growth in the region. The present work aims to analyze these adverse economic impacts caused by the coronavirus pandemic in Latin American and Caribbean countries, in addition to addressing the importance that international organizations, the World Bank, the International Monetary Fund and the Organization for Economic Cooperation and Development, will have to pave the way to create new opportunities in order to implement such recovery. As a result, there is an urgent need to carry out reforms to guarantee the stability of public finances, fight inequality, in addition to enabling a green recovery of the continent.

Keywords: Coronavirus. International Organizations. Economic Recovery.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza na ALC	33
Gráfico 2 - Patrimônio dos super-ricos em 2020	38
Gráfico 3 - Pontuação do PISA	43
Gráfico 4 - Variação interanual das importações da ALC.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual da dívida pública em relação ao PIB	31
Tabela 2 - Comparação do índice de Gini.....	36
Tabela 3 - Variação no comércio de bens entre 2019 e 2020	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALC	América Latina e Caribe
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
FMI	Fundo Monetário Internacional
OCDE	Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	14
1.4 METODOLOGIA	15
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2 O SURGIMENTO DE UMA NOVA CATÁSTROFE SANITÁRIA MUNDIAL: A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS	17
2.1 A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS	18
2.1.1 A ECLOSÃO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE	22
3 A FRAGILIDADE ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE E OS IMPACTOS DA CRISE DO CORONAVÍRUS	25
3.1 O AUMENTO DA PROBREZA E O AGRAVAMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO	32
3.2 O IMPACTO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO	39
3.3 A EDUCAÇÃO EM RISCO	41
3.4 OS IMPACTOS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL	44
4 O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DURANTE A CRISE DO CORONAVÍRUS E O FUTURO DO CONTINENTE NO PÓS-PANDEMIA	48
4.1 OS DESAFIOS ECONÔMICOS NO PÓS-PANDEMIA: ABORDANDO UMA RECUPERAÇÃO ECONÔMICA MAIS RESILIENTE SEGUNDO AS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo deste trabalho é determinado a apresentar o seu tema, bem como a problematização e os objetivos estabelecidos, que se dividem entre o geral e os específicos. Além disso, será abordada a justificativa à qual se realiza este texto, levantando os questionamentos acerca do tema proposto. Por fim, a metodologia sob a qual este estudo foi desenvolvido será apresentada na seção final deste capítulo.

1.1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

A pandemia do coronavírus teve seu primeiro surto na China, no início do ano de 2020, e logo se espalhou para muitos países do globo. Milhares de pessoas perderam a vida, muitas outras tiveram complicações em decorrência do vírus, a resultar em um grande problema de saúde pública mundial (PAIVA; PAIVA, 2021).

Imprevistamente, com o aumento expressivo no número de contágio, diversas nações tiveram que impor medidas de isolamento para evitar a rápida propagação do vírus e, assim, impedir ao máximo a sobrecarga no sistema de saúde e, conseqüentemente, o número de óbitos (PAIVA; PAIVA, 2021).

Desse modo, as medidas de distanciamento social, embora muito necessárias, resultaram em uma queda da produção mundial, além de gerar perturbações para a cadeia logística e intensificaram a catástrofe causada pela covid-19, uma vez que a crise ultrapassou as fronteiras sanitárias e atingiu, também, o campo econômico (PAIVA; PAIVA, 2021).

Durante esse período, milhares de pessoas perderam o emprego e muitas foram levadas à faixa de pobreza extrema, a lançar a economia mundial em sua mais profunda crise desde a segunda guerra (PEREIRA, 2020).

Igualmente, na América Latina e Caribe a situação não foi distinta. À medida que os países foram adotando medidas de distanciamento, o impacto econômico se intensificou. Já em abril do ano de 2020, a atividade econômica da região havia registrado um decréscimo de 20% frente ao mesmo período do ano anterior (WERNER, 2020, texto digital).

Paralelamente, os países desenvolvidos anunciaram medidas robustas de estímulo econômico, como o pacote de ajuda de 750 bilhões de euros ao fundo de auxílio aos países do bloco europeu, por exemplo, ao passo que nações com renda *per capita*

baixa e média amargaram as piores consequências devido a uma menor capacidade de auxílio para seus países (PEREIRA, 2020).

Com isso, a atuação das principais organizações mundiais, neste caso o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), na região da América Latina e Caribe, se faz ainda mais necessária, sobretudo porque essas instituições possuem objetivos comuns, que vão desde promover o desenvolvimento econômico até a busca por melhores condições de bem-estar da população.

Sendo assim, diante de um cenário econômico tão volátil e incerto - principalmente para os países mais vulneráveis - o presente trabalho apresenta como problema central a seguinte questão: Como a crise do coronavírus impactou os países da região da América Latina e Caribe e quais deverão ser as medidas tomadas por essas economias da região, sob a perspectiva do Banco Mundial, o FMI, e a OCDE, para que a economia latino-americana possa se recuperar de uma forma mais inclusiva, e, assim, reduzir os impactos no longo prazo que a pandemia deixará?

1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho está dividido em objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é analisar as principais consequências econômicas que a pandemia do coronavírus e as ações tomadas para o controle do vírus causaram nos países da região da América Latina e Caribe, além de detectar quais medidas deverão ser tomadas, sob a perspectiva de três organizações mundiais, sendo elas o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, para a busca de uma recuperação econômica com políticas efetivas de maior alcance social para as nações da região.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar as principais adversidades econômicas decorrentes do controle da transmissão de SARS-CoV-2 em países da América Latina e Caribe;
2. Apontar as medidas relevantes realizadas pelas organizações internacionais, selecionadas neste trabalho, para mitigar os danos causados pela pandemia do coronavírus;
3. Abordar questões para o debate acerca de uma recuperação econômica mais resiliente e inclusiva para os países da América Latina e Caribe na era pós-pandêmica.

1.3 JUSTIFICATIVA

A pandemia do coronavírus deixou profundas cicatrizes em diversas áreas da sociedade. Os impactos provocados por ela serão sentidos durante muitos anos por diversas nações ao redor do globo, porém de maneira desigual. A pior calamidade econômica desde a grande depressão, exacerba a desigualdade econômica dos países e piora a situação dos mais vulneráveis (PIENKNAGURA; ROLDÓS; WERNER, 2020, texto digital).

A América Latina e Caribe (ALC) foi uma das regiões mais afetadas pela pandemia, e, com isso, as repercussões dessa crise irá impactar o continente no curto, médio e longo prazo. O custo humano e econômico para a região tem sido muito intenso, bem como os seus desdobramentos. Com isso, a pandemia dificulta a recuperação econômica dessa localidade (PIENKNAGURA; ROLDÓS; WERNER, 2020, texto digital).

Através das organizações internacionais, que se propõem a debater, auxiliar e construir um futuro mais favorável para os países mais vulneráveis, é fundamental que a ALC utilize de todos os artifícios possíveis para vislumbrar um futuro de expansão do bem-estar da população, mesmo que o cenário seja, cada vez mais, adverso para o território.

Desse modo, este trabalho busca aprofundar o entendimento a respeito dos efeitos da crise, da maneira com que eles atingiram a ALC, além de compreender sua gravidade, com o intuito de contribuir na discussão sobre quais serão as melhores

decisões para o crescimento econômico dos países nos próximos anos. Ademais, é essencial fomentar o debate acerca deste tema, a fim de criar instrumentos de pesquisa e reflexão no tocante a construção de uma nova conjuntura pós-pandêmica no continente.

1.4 METODOLOGIA

Uma pesquisa tem como objetivo encontrar respostas para um problema através da aplicação de procedimentos científicos. Além disso, uma de suas finalidades é a busca pelo desenvolvimento da ciência e a ampliação de seus conhecimentos. Dentre os tipos de pesquisa, há a pesquisa pura, que utiliza desses artifícios ao se aprofundar de um ponto específico sobre um determinado tema. Esta monografia, por possuir essas características, poderá ser classificada como uma pesquisa pura (GIL, 2008).

Ao se propor analisar o fenômeno da pandemia de SARS-CoV-2 e suas implicações, admite-se um caráter de pesquisa exploratória para este trabalho. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), a pesquisa exploratória:

Tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Com isso, dado o seu caráter exploratório, o foco está no entendimento de um fenômeno recente, cujas repercussões ainda estão sendo analisadas e compreendidas, à medida em que a crise estava a atingir os países da ALC. Desse modo, há a necessidade de investigar mais profundamente as mudanças que estão a ocorrer neste momento, a fim de proporcionar maior familiaridade com o assunto estudado e levantar mais informações sobre o tema.

Segundo Gil (2008, p. 151), a pesquisa qualitativa busca: “a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados, o que se faz mediante sua ligação com conhecimentos disponíveis”. Esse tipo de pesquisa preocupa-se tanto com a compreensão, como a interpretação do fenômeno (GONÇALVES, 2001).

Destarte, a perspectiva adotada para este trabalho foi a abordagem qualitativa, uma vez que se propõe compreender os fenômenos ocorridos pela pandemia do coronavírus, através da descrição dos fatos e a interpretação dos seus desdobramentos.

Da mesma maneira, foi realizado uma pesquisa bibliográfica de publicações em periódicos, artigos e relatórios disponibilizados, principalmente, pela base de dados do Banco Mundial, Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), Fundo Monetário Internacional (FMI), e outras instituições que, durante os momentos mais severos da pandemia, publicaram informações relevantes sobre o tema.

Por fim, por ser uma pesquisa que analisará um fato recente, cujas repercussões são bastante dinâmicas, com variáveis que podem levar mais tempo para obter conclusões mais apuradas, poderá haver algumas limitações acerca do tema estudado. Sobretudo, no tocante ao levantamento de dados e suas interpretações, bem como a maneira que poderão influenciar nas economias da região no futuro.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é formado por cinco seções, além desta introdução. A segunda seção refere-se ao surgimento da pandemia do coronavírus no mundo e da sua chegada a América Latina e Caribe, com a finalidade de contextualizar em qual momento a crise teve início. Na terceira seção, serão abordadas as condições econômicas pré-pandemia, bem como os impactos econômicos da pandemia nas nações da América Latina e Caribe. A quarta seção, aborda a importância das ações realizadas pelas organizações internacionais, Banco Mundial, FMI e OCDE, durante a pandemia do coronavírus, além de debater maneiras para aspirar uma recuperação econômica mais resiliente e inclusiva para a região. Por fim, na quinta seção, encontram-se as considerações finais.

2 O SURGIMENTO DE UMA NOVA CATÁSTROFE SANITÁRIA MUNDIAL: A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Durante diversos períodos da história, o mundo vivenciou numerosas crises que abalaram o sistema econômico vigente. Dentre guerras e pandemias, não é inédita a eclosão de um fenômeno repentino que pode causar impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos, a forçar mudanças significativas nos hábitos de muitos ao redor do globo.

Os Romanos utilizavam a palavra *pestis* para referir-se a grandes destruições e catástrofes. Já os gregos, atribuíam a esses eventos através do termo *epidemios*, o equivalente a “sobre o povo”. E a palavra pandemia, também derivada do grego, significa “sobre todo o povo” (GAIA, 2021, texto digital).

Dentre as inúmeras pestilências que sucederam no passado, Schueler (2021, texto digital) destaca cinco principais, sendo elas: a Peste do Egito, que dizimou um quarto da população Ateniese em 430 a.C.; A Peste Antonina causada, possivelmente, pela varíola; A Peste de Cipriano, em que chegou a matar cinco mil cidadãos romanos por dia; A peste de Justiniano, primeira contaminação de peste bubônica que eliminou até um quarto da população do oriente médio; A Peste Negra, que marcou o retorno da peste bubônica no continente europeu, dizimando a população do continente. Estima-se que, aproximadamente, vinte milhões de europeus foram mortos em seis anos; e, por fim, a Gripe Espanhola, causada pelo vírus Influenza e infectou por volta de quinhentos milhões de pessoas na época.

Entretanto, as consequências econômicas deixadas por esses eventos são mais difíceis de mensurar, uma vez que faltam informações precisas para chegar a conclusões sobre elas, porquanto a maioria das investigações históricas possui ênfase no impacto demográfico. No entanto, no caso da Peste Negra, as consequências foram profundas no curto prazo. Além da perda de grande parte da população, que levou quase cem anos para se recuperar, houve, também, o desaparecimento de grande parte do comércio, a extinção de cidades, o êxodo para o campo, e o apodrecimento da colheita. Com isso, gerou-se uma escassez de alimentos e o seu encarecimento, agravando a situação da fome entre as camadas mais pobres da sociedade à época. As repercussões dessa peste transformaram a sociedade europeia e marcaram o fim do período medieval na região (GARGANTILLA apud TORREBLANCA, 2020, texto digital).

Já no século XX, outro grande evento relacionado à saúde pública assolou o mundo. A chamada Gripe Espanhola, que se espalhou rapidamente por diversos continentes em um momento que a Primeira Guerra Mundial ainda estava a acontecer. Os feitos dessa pandemia, especificamente na economia norte-americana, fora de uma recessão leve e breve, apesar da sua gravidade. Apesar disso, houve queda na atividade manufatureira, nos estoques de bens duráveis e ativos bancários. Com o choque negativo da oferta de trabalho, ela foi muito mais afetada do que a demanda, que pouco oscilou (MARSON; SIVIERO, 2020).

Ademais, as cidades norte-americanas que agiram mais rapidamente e adotaram medidas de intervenções não farmacêuticas, como o distanciamento social, não tiveram maiores perdas econômicas face aos lugares em que as medidas não foram implementadas, e, ainda, tiveram melhor desempenho industrial no período pós-pandêmico. Dessa forma, entende-se que as pandemias são danosas para a economia, mas a maneira como ela é conduzida pode determinar a severidade dos seus impactos em na atividade econômica de um país (MARSON; SIVIERO, 2020).

Ainda que esses grandes transtornos “não financeiros” possam trazer graves consequências para a saúde pública e para a economia mundial, é de fundamental importância entender o valor da pesquisa histórica para que se compreenda o passado e presente. Para Hochman e Birn (2021, p. 580) “o reconhecimento da complexidade do passado não pode ser paralisante, assim como deve evitar as lições superficiais motivadas pelo momentâneo fascínio com a história”.

Outrossim, as lições derivadas desses eventos tiveram impacto direto na relação do indivíduo com o meio social, econômico e sanitário, além de contribuir para o avanço científico que permitiu entender e ser mais responsivos a eventualidades como essa, mesmo embora ainda há um grande caminho a ser percorrido.

2.1 A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta vindo da cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, a advertir sobre uma nova cepa do coronavírus que nunca havia sido identificada em seres humanos, e que estava provocando inúmeros casos de pneumonia na região. Logo após, no dia 07 de janeiro, as autoridades sanitárias chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de vírus. Tratava-se do *Severe Acute*

Respiratory Syndrome Coronavirus 2, ou SARS-CoV-2, agente causador da *Corona Virus Disease 2019* – ou somente COVID-19. Ao todo, já foram identificados sete tipos de coronavírus em humanos (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2021, texto digital; THEY, 2020, texto digital).

A primeira morte causada pelo vírus foi reportada no dia 11 de janeiro pela mídia estatal chinesa. O cidadão era um senhor de 61 anos de idade e um cliente regular do mercado de Wuhan, local onde, segundo a revista *Nature*, é considerado o epicentro da pandemia de COVID-19. Seguidamente, os primeiros casos confirmados fora do território Chinês foram no Japão, Coreia do Sul e Tailândia. E, dias depois, o vírus havia sido registrado, também, na América, Europa e outros continentes (MAX-MEN, 2022, texto digital).

Devido a ocorrência de milhares de novos casos ao redor do globo, foi então que a OMS, no dia 30 de janeiro, classificou o surto de SARS-CoV-2 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o que, para a Organização Pós-Americana de Saúde (OPAS), representa o mais alto nível de alerta, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional da OMS. Com essa decisão, a instituição visou aprimorar a coordenação e cooperação global para frear a propagação do vírus no mundo (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2021, texto digital).

À medida que a transmissão comunitária foi se confirmando, a situação se agravou e afligiu cada vez mais as autoridades que decidiram restringir viagens de cidadãos chineses, ou que visitaram esse território, a fim de cessar os contágios – ao passo que as mortes ultrapassavam as fronteiras chinesas e cresciam vertiginosamente. Por consequência, em meados de março, a OMS declarou oficialmente como uma pandemia do coronavírus. Segundo a própria organização, caracteriza-se pandemia quando ocorre a disseminação mundial de uma nova doença, em que um surto que está a afetar uma região propaga-se por diferentes continentes com uma transmissão sustentada de um indivíduo para outro. Essa classificação, entretanto, se refere à distribuição geográfica de uma enfermidade, e não, necessariamente, o nível de gravidade que ela possa representar. Contudo, era sabido a situação alarmante em que o mundo já se encontrava (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2021, texto digital; SCHUELER, 2021).

Diante disso, recomendou-se o fechamento de escolas, suspensão de eventos com aglomeração, quarentena de quatorze dias para viajantes, uso de máscara e até

o confinamento total de uma região, o denominado *lockdown*. Essas medidas foram propostas com o intuito de proteger vidas e evitar sobrecarregar o sistema de saúde com um grande número de pacientes que necessitavam de internação. A Itália, muito afetada pelo vírus, foi um dos primeiros países a decretar um *lockdown* em todo o seu território, e, em seguida, diversas nações realizaram medidas similares, como os Estados Unidos, Brasil, etc. Apesar desses esforços, o mundo registrara um milhão de casos já no mês de abril (EURONEWS, 2021, texto digital; KANTIS, 2023, texto digital).

Embora muitos países apresentassem uma robustez em seu sistema de saúde, a rápida propagação do vírus saturou hospitais ao redor do globo. Para Cordeiro e Kind (2020, p. 7) “O grande desafio da Covid-19 é a capacidade dos sistemas de saúde suportarem o rápido aumento de casos graves, tendo em vista os altos índices de contágio”. A demanda por hospitalização, entre os infectados pelo coronavírus, pode ser influenciada, sobretudo, por alguns fatores de saúde, como, por exemplo, idade e condições preexistentes. Aproximadamente, 80% dos infectados apresentam sintomas leves e sem complicações, 15% necessitam de internação com algum tipo de oxigenação e 5% dos casos precisam de atendimento na unidade de terapia intensiva. Igualmente, o grande número de casos criou uma enorme demanda de atendimentos mundialmente, a fazer com que os hospitais e profissionais de saúde intensificassem os esforços de maneira heroica e sem precedentes (NORONHA *et al.*, 2020).

Diante das incertezas acerca da verdadeira magnitude que o novo coronavírus alcançara, a pandemia, além do mais, promoveu uma indelével e triste marca na história: o número de mortes. Apenas no ano de 2020, foram registrados mais de um milhão e oitocentos mil falecimentos devido a doença, a atingir todas as regiões do globo. Nesse mesmo ano, os países com o maior número de óbitos registrados foram: Estados Unidos, Brasil, Índia e México, respectivamente. Em termos relativos, dentre os 15 países com mais decessos, nove estão localizados na Europa (GRASSO, 2020, texto digital).

Outrossim, o ano de 2021 foi ainda mais letal. Em meados de junho, apenas no primeiro semestre, a quantidade de mortes por COVID-19 superou o total registrado globalmente durante todo o ano passado. Um dos fatores que alavancaram esses números foram as medidas de distanciamento social mais flexíveis, bem como o surgimento de novas cepas da doença, muito mais transmissíveis, como a Gama, Delta e a Ômicron (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2021, texto digital).

No entanto, esses números podem estar subestimados. As métricas para aferição dos dados de mortalidade por SARS-CoV-2 podem variar de um país para outro. A Holanda, por exemplo, apenas considera os indivíduos que morreram no hospital após terem testado positivo para a COVID. Já na Bélgica, as mortes incluem qualquer cidadão que apresentou sintomas similares ao da doença, mesmo sem ter um diagnóstico positivo. Além disso, os óbitos desencadeados por esse agente infeccioso podem não estar sendo contabilizados da maneira ideal. O coronavírus pode provocar doenças como trombose e insuficiência renal, que podem levar a decessos não considerados na conta de mortalidade. Ademais, estima-se que mais de cem países não possuem um sistema estatístico confiável ou não liberam as informações em tempo hábil (ADAM, 2022, texto digital; RUPRECHT, 2021, texto digital).

Com isso, um modelo estatístico desenvolvido pela Universidade de Washington tem como objetivo estreitar as discrepâncias dos dados e aumentar a acuracidade das informações divulgadas. Através do chamado “excesso de mortalidade”, é possível estimar – com maior precisão – a quantidade real de mortes causados pelo COVID-19. Esse indicador é calculado através da diferença entre o número de mortes que, de fato, aconteceram *versus* o número de óbitos esperados para o mesmo período com base nos dados anteriores – sem levar em conta a pandemia. Igualmente, o índice inclui falecimentos associados diretamente ao coronavírus, ou seja, devido à doença, ou indiretamente, por conta do impacto que a pandemia causou nos sistemas de saúde (ADAM, 2022, texto digital; VIGLIONE, 2020, texto digital).

Através desse modelo, as estimativas do verdadeiro número de mortes pela doença – entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 – foi de aproximadamente 14,9 milhões, quantia bem maior do que a divulgada em todo o mundo. A maioria das mortes em excesso está concentrada no Sudeste Asiático, Europa e Américas. As nações de renda média correspondem por 81% desses óbitos (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2021, texto digital). Apesar de dados tão desanimadores, foi no início de dezembro de 2020 que a esperança reacendeu: a vacina contra o coronavírus fora, finalmente, aprovada para uso emergencial em toda a população. Após um excepcional e memorável esforço dos cientistas para desenvolver uma vacina para uma enfermidade em tempo recorde, o Reino Unido iniciou a aplicação das doses, sendo a primeira nação ocidental a iniciar uma campanha de imunização em massa. Segundo o sistema de saúde local, foi a maior mobilização para tal feita no território britânico. Pouco tempo depois, outros países, como Alemanha,

Canadá e Estados Unidos, aprovaram a aplicação de imunizantes em caráter emergencial em sua população e também iniciaram suas ações (NHS, 2020, texto digital).

Desde então, o avanço da vacinação no mundo mostrou-se um resultado que muito foi esperado desde a eclosão da pandemia: a redução drástica nos números de morte. À medida que as campanhas de imunização foram sendo implementadas, observou-se um período de redução de casos, casos graves e mortalidade e, por consequência, a redução na demanda por leitos de UTI Covid-19.

Ao passo que novas variantes foram surgindo e se tornando predominantes, verificou-se uma redução na gravidade dos casos entre os infectados. Segundo o Instituto Butantan, através de uma pesquisa realizada na cidade de Londrina, no Paraná, concluiu-se que 75% das mortes pelo novo coronavírus registradas nos primeiros dez meses de 2021 foram de indivíduos que não foram imunizados contra a enfermidade. Ainda, entre os idosos não vacinados, o número de morte foi três vezes maior em comparação aos vacinados da mesma faixa etária. Para o Instituto, os resultados da pesquisa ratificam a importância da vacinação para reduzir os índices de mortalidade pelo coronavírus (INSTITUTO BUTANTAN, 2022, texto digital).

Com isso, ressalta-se o papel da vacinação como uma importante ação de saúde pública, sobretudo devido ao seu relevante impacto na redução da mortalidade e no aumento no número de anos vividos. Assim, um ciclo vacinal completo pode evitar que novas ondas da doença continuem a aparecer (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2021, texto digital).

2.1.1 A ECLOSÃO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Desde o primeiro caso registrado na região no dia 20 de janeiro de 2020, em São Paulo, os países da ALC enfrentaram uma enorme adversidade devido ao novo coronavírus e seus desdobramentos. Por diversos momentos, a região foi o epicentro global da pandemia. Os principais desafios enfrentados por eles foram o número elevado de contágios e óbitos, a sobrecarga dos sistemas de saúde, além do impacto social e econômico que agrava a situação já delicada da região (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

Os primeiros surtos do coronavírus sucederam em localidades distantes do continente e as medidas iniciais para contenção da doença puderam ser avaliadas

com certa antecedência. Essa vantagem, ainda, poderia favorecer, de alguma forma, os países latino-americanos e caribenhos no enfrentamento da pandemia. A prerrogativa permitiria que as nações se organizassem de maneira mais eficiente e fizessem melhorias - à medida que fossem aprendendo com as lições dos locais que precisaram agir contra a propagação do COVID-19 mais depressa. No entanto, dada as elevadas taxas de letalidade da região, o que se observou foi um enfrentamento despreparado (LINGER; TOBAR, 2020).

Ainda que os países da América Latina e Caribe possuem semelhanças econômicas, sociais, políticas e culturais, eles, contudo, são bastante heterogêneos. Nos primeiros momentos da pandemia, mais de 25 países da região adotaram medidas para frear a disseminação do vírus no continente. As principais ações, algumas muito semelhantes entre si, incluíram a suspensão de aulas presenciais, medidas de distanciamento social, ampliação de unidades de terapia intensiva e fortalecimento dos sistemas de saúde. Para mais, 22 nações realizaram medidas para aliviar o impacto da crise coronavírus sobre a renda das famílias latinas (LINGER; TOBAR, 2020).

Ainda, é possível distinguir as estratégias adotados pelos governos da região, basicamente, em três tipos: o negacionismo de Brasil, México e Nicarágua; o alto rigor de medidas de distanciamento adotados pela vasta maioria dos países; e a alternância de obrigatoriedade e liberdade em nações como Uruguai e Costa Rica. Ainda, observou-se uma adoção de estratégias distintas, não havendo, ao menos, um processo de construção conjunta para implementação dessas medidas (LINGER; TOBAR, 2020).

Com isso, o impacto que pandemia causou na saúde da população latino-americana e caribenha foi profundo. A localidade concentra cerca de 8,4% da população mundial, todavia, até fevereiro de 2022, já havia contabilizado aproximadamente 66 milhões de contágios – a totalizar 15% do total mundial. Além disso, foi responsável por concentrar 28% dos óbitos em nível global. A região da América do Sul detém o pior histórico da pandemia de SARS-CoV-2 do mundo, com as ondas mais letais e o maior acúmulo de mortes de todo o globo (BBC, 2022, texto digital).

Outrossim, em razão da mudança na capacidade dos sistemas de saúde se voltarem para aumentar os recursos e o número médicos disponíveis para atender a demanda do novo coronavírus, a atenção para outras doenças precisou ser postergada. De acordo com a Universidade de São Paulo, apenas no Brasil, cerca de um milhão de cirurgias foram adiadas ou canceladas pelo Sistema Único de Saúde durante a pandemia – também, 900 mil cirurgias eletivas acumularam durante esse período

no país, pois precisaram ser postergadas. Ademais, o diagnóstico de novas doenças teve uma redução abrupta durante esse período (RODELLA, 2021, texto digital).

No âmbito social, o número de cidadãos em condições de pobreza aumentou. Em 2020, o número de latino-americanos que viviam nessa situação foi de 187 milhões de pessoas em 2019 para 209 milhões em 2020, o equivalente a 33,7% da população da região. Paralelamente, a distribuição de renda na região também preocupa. O impacto da pandemia não afetou a renda apenas dos que estão em situação de extrema pobreza e pobreza. A deterioração da renda afetou também as camadas de renda média, a causar uma diminuição na renda devido a medidas de restrição de movimentos, bem como a fraca atividade econômica e a perda de empregos durante o período pandêmico (ROBLES; ROSSEL, 2021).

Por fim, a pandemia está a abrir feridas no continente que poderão levar tempo para serem cicatrizadas. Como consequência, esse fenômeno desencadeia um novo cenário econômico, social e político, ainda mais complicado e que deve considerar o baixo crescimento das economias, o agravamento da pobreza e as tensões sociais já existentes na região na era pós-pandêmica. A crise do coronavírus exacerba as desigualdades estruturais da ALC, agrava a situação de informalidade sem nenhum acesso a proteção social, e piora a desigualdade de gênero na região (CEPAL, 2021, texto digital).

Desse modo, faz-se muito relevante a discussão para uma recuperação resiliente que seja construída com igualdade e sustentabilidade, visando mitigar os efeitos do coronavírus, mas, para além disso, que vise combater os problemas estruturais que, por tanto tempo, são vivenciados pela sociedade latino-americana e caribenha.

3 A FRAGILIDADE ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE E OS IMPACTOS DA CRISE DO CORONAVÍRUS

O período antecedente a crise do coronavírus já revelava um futuro desafiador para as economias da América Latina e Caribe. A região adentrou a pandemia enfraquecida economicamente, uma vez que muitos dos países estavam a apresentar uma expansão econômica muito aquém do esperado, além do crescente descontentamento social e uma conjuntura internacional cada vez mais desfavorável para o continente. Somente entre os anos de 2014 e 2019, as nações da região vivenciaram o período mais fraco de crescimento econômico desde a década de 1950, a ficar muito abaixo da média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a OCDE (OCDE, 2020).

A década dourada caracterizada pelos rápidos avanços econômicos e progressivos aumentos nos indicadores parece ter chegado ao fim. Durante meados de 2002 até 2014, o *boom* no crescimento econômico possibilitou uma elevação dos padrões de vida e os gastos públicos com educação, saúde e prestação de serviços ocasionaram um aumento da renda e, ainda, os gastos sociais tiveram fôlego suficiente para reduzir a pobreza em diversos países da ALC (BALAKRISHNAN; TOSCANI, 2018, texto digital).

No entanto, à medida que o ciclo das commodities estava chegando ao fim, a região, que teve os preços elevados desses produtos básicos como o principal motor do crescimento econômico, deparava-se com uma estagnação nos níveis de preços das matérias-primas. Consequência disso, é a urgente necessidade que forçam as principais economias exportadoras desses insumos a buscar outras fontes para um crescimento econômico mais resiliente (BOGMANS; RESTREPO, 2019, texto digital).

As economias da América Latina e Caribe, de fato, são muito dependentes da exportação de commodities, e, por isso, a atividade econômica, as receitas do governo e o saldo em transações correntes são mais suscetíveis a choques nos preços desses produtos. Com isso, em um contexto de fatores que limitam a participação das matérias-primas no crescimento dessas nações, elevou-se o grau de incerteza dessas economias em questão (BOGMANS; RESTREPO, 2019, texto digital).

Ademais, para o futuro, as projeções apontavam para uma redução da dinâmica do crescimento de países desenvolvidos e emergentes, além de um incremento

na volatilidade dos mercados financeiros e um comércio internacional muito prejudicado pela disputa comercial entre China e Estados Unidos (CEPAL, 2019).

Segundo a avaliação da CEPAL (2019), a estimativa de expansão no volume do comércio mundial era de aproximadamente 3,9% em 2018, valor menor ao registrado no ano anterior que fora de 4,6%. Do mesmo modo, esperava-se que essa conjuntura econômica se perpetuasse para os anos seguintes, a ter a desaceleração das economias do globo e os desdobramentos dos entraves comerciais como os principais responsáveis pelo fraco desempenho da região.

Outrossim, a disputa comercial, entre Estados Unidos e China, não só prejudicou o comércio entre os países, como afetou também o mercado de ações. Em 2018, observou-se um aumento na instabilidade dos mercados de todo o globo e uma diminuição na busca por ativos de risco, a refletir uma saída de capital dos mercados emergentes, bem como um aumento na busca de ativos em dólar – fato que contribuiu para a apreciação da moeda norte-americana frente as moedas de diversos países do continente (CEPAL, 2019).

Na medida em que a incerteza sobre o cenário econômico se mantinha, no ano de 2019, os mesmos percalços ainda estavam a influenciar as economias da ALC. Mesmo sob um contexto adverso, os países da região conseguiram se expandir, mas a um ritmo muito abaixo do registrado por outros continentes ao redor do globo no mesmo período. De acordo com o FMI, a projeção de crescimento para 2019 estaria próximo aos 2%, ao passo que no ano seguinte o crescimento não iria ultrapassar 2,5% (WERNER, 2019, texto digital).

Ainda assim, as expectativas econômicas para o futuro do continente, antes mesmo da pandemia do coronavírus, eram projetadas de maneira heterogênea entre os países, como mostram os exemplos explicitados abaixo:

No caso da Argentina, que estava em uma recessão econômica desde 2018, uma seca severa causou queda na produção agrícola e de exportações, ao passo que a forte desvalorização do peso, também em 2018, ainda mais agravou a inflação, além de reduzir a renda disponível dos argentinos e a confiança dos investidores. Por outro lado, o governo formulou um plano de estabilização econômica que poderia estabilizar a economia do país. O plano foi pensado para reforçar as políticas monetárias e fiscais. Consequência disso, foi possível observar uma queda nas expectativas e na própria inflação no curto prazo que, segundo as projeções do FMI, deveriam continuar em queda durante todo o ano de 2019. Com isso, a redução no nível de preços

permitiria uma redução da taxa de juros, possibilitando um maior crescimento e a retomada da atividade econômica no território a partir do segundo trimestre de 2019 (WERNER, 2019, texto digital).

No Brasil, as projeções indicavam um crescimento superior a 2% entre os anos de 2019 e 2020, fato que, de acordo com o FMI, não ocorria desde 2013. A melhora nas perspectivas se deu por conta de uma agenda reformista e voltada para o mercado financeiro, o que ajudou a fortalecer na confiança dos empresários, bem como influenciou positivamente as expectativas de crescimento no curto prazo (WERNER, 2019, texto digital).

Para o Chile, as previsões indicavam um cenário robusto para o crescimento econômico do país entre 2019 e 2020. O consumo privado e o dinamismo do investimento ajudariam a expandir a economia Chilena. Ademais, as expectativas eram de que as metas fiscais anunciadas pelo governo teriam o potencial de reduzir, ainda que moderadamente, o déficit estrutural do país (WERNER, 2019, texto digital).

A atividade econômica Colombiana vislumbrava um crescimento já no curto prazo, influenciada fortemente por fatores como uma agenda de política monetária, ampliação dos gastos do governo em ano eleitoral, bem como a melhorias na política tributária sobre o investimento. Essa reforma reforça a arrecadação do país e poderia contribuir para o cumprimento da meta fiscal de 2019. Por outro lado, a diminuição tributária para as empresas, prevista na reforma, poderá afetar a receita colombiana nos próximos anos (WERNER, 2019, texto digital).

Estimativas apontavam para a manutenção do crescimento econômico do Peru. O país que, provavelmente, cresceu em quase 4% em 2018, devido a uma elevação no preço de matérias-primas e por políticas fiscais e monetárias anticíclicas, mostrava um bom potencial para o apresentar o mesmo crescimento nos anos seguintes. Beneficiado, sobretudo, por uma demanda interna forte (WERNER, 2019, texto digital).

Por outro lado, a crise humanitária e econômica da Venezuela indica que o Produto Interno Bruto (PIB) real do país cairia em 2019. Com isso, a queda acumulada entre 2013 e o ano apresentado seria superior a 50%. Influenciado, principalmente, pela queda abrupta da produção de petróleo e da deterioração de outros setores da economia (WERNER, 2019, texto digital).

No México, o cenário econômico já era desfavorável antes mesmo da pandemia do coronavírus chegar ao país. As projeções de expansão econômica entre os anos de 2019 e 2020 foram revisadas para baixo para 2,1% e 2,2%, respectivamente. Para

o FMI, as incertezas políticas do novo governo eleito estão entre os fatores para tal revisão. Contudo, o avanço das reformas estruturais no território mexicano pode impulsionar o crescimento no médio prazo (WERNER, 2019, texto digital).

Outra região que teve sua expansão econômica revisada para baixo foi a América Central. Apesar de que a atividade econômica pudesse avançar entre 2019 e 2020, será a um ritmo mais lento, segundo as estimativas do FMI. A principal redução foi a da Costa Rica que aprovou um projeto de lei sobre a reforma fiscal que poderá influenciar no crescimento no curto prazo. O mesmo para a Nicarágua, que estava a enfrentar uma forte incerteza política e tensões sociais atrapalham o crescimento da nação (WERNER, 2019, texto digital).

Por fim, na região do Caribe era esperado uma recuperação econômica para o ano de 2019 e 2020 devido ao *boom* no turismo, principalmente de norte-americanos, ao aumento da produção de commodities nos países que exportam esses produtos e a reconstrução de países fortemente atingidos pelos furacões em 2017 (WERNER, 2019, texto digital).

Desse modo, o crescimento da região já estava a sofrer uma desaceleração econômica desde antes da crise do coronavírus. Contudo, após todo o contexto demonstrado acima em que a região estava enfrentando, a COVID-19 e seus profundos impactos fomentaram, ainda mais, as perspectivas de anos com muitos desafios a serem superados pelos latino-americanos.

Por outro lado, além das repercussões desastrosas para a saúde humana globalmente, o impacto econômico e social da crise se deu por diferentes maneiras nos primeiros momentos. Com o intuito de combater o vírus no continente, foram implementadas medidas de distanciamento social, assim com outras ações para reduzir a propagação da enfermidade (OCDE, 2020).

A princípio, as medidas de arrefecimento do vírus causaram uma queda acentuada da atividade econômica, uma vez que os trabalhadores, em sua maioria, deixaram de ir ao trabalho, ao passo que as famílias precisaram reduzir o consumo de bens e serviços, além do efeito contracionista causado por uma diminuição da demanda externa, especialmente nos setores transacionáveis (KPMG, 2020).

Com isso, os efeitos da crise do coronavírus foram fortemente vivenciados pelas famílias e empresas, uma vez que os encadeamentos das medidas de contenção do vírus implicaram, diretamente, no cessamento parcial ou até na suspensão total da produção. Como consequência, as horas de trabalho e os salários foram reduzidos, e

fez com que esses agentes econômicos sofressem uma dramática perda de renda (OCDE, 2020).

Segundo, a proibição de viagens e restrições aos movimentos atingiram as economias dependentes do turismo e de viagens, como, por exemplo, algumas localidades caribenhas, onde, para a OCDE, a atividade representou mais de 20% do PIB em 2018. Ainda, a desaceleração da economia global, somada a entraves nas cadeias globais de valor, dificultou as exportações dos países da ALC para o resto do mundo (OCDE, 2020).

Por fim, a restrição das condições de acesso ao crédito, devido às incertezas que pairavam sobre o mercado de capitais internacional e o aumento do risco nesse período, influenciaram na busca por ativos mais seguros e impactaram na demanda por instrumentos emitidos na ALC. Como consequência, reduziu-se o acesso ao crédito e gerou-se pressões nas divisas da região que se desvalorizaram fortemente (KPMG, 2020).

Dentre os impactos verificados já nos primeiros meses da pandemia, só no ano de 2020, a queda no PIB da região foi de cerca de 5,3% e figurou como o pior registro em toda a história. Apesar de ser um contexto extraordinário e com medidas urgentes, os impactos econômicos conjunturais foram muito expressivos na ALC. Além disso, países como a Argentina, Brasil e México, foram muito afetados negativamente em seus setores manufatureiros, uma vez que essas nações possuem os maiores parques industriais da região, somado a uma queda acentuada no valor das exportações (NASCIMENTO, 2020).

Por outro lado, a pandemia do coronavírus ocorreu em um momento em que a confiança na globalização e no multilateralismo como fatores-chave para o desenvolvimento econômico e social tem sido motivo de desconfiança e demérito. Por mais de uma década, eventos que abalaram a economia mundial têm fomentado esse tipo de percepção. Em 2004, um tsunami no Oceano Índico causou distorções nas cadeias globais importantes para a produção de componentes microeletrônicos. Não somente, a crise de 2008, que afetou profundamente os mercados financeiros, gerou uma desconfiança na habilidade dos mercados de assegurar um crescimento estável sem a necessidade de haver medidas de regulação. A se juntar a esses acontecimentos, a tendência é que a perpetuação dessa ideia se intensifique à medida que a população vivenciará as consequências causadas por mais uma crise (CEPAL, 2020).

A severidade dos efeitos da COVID-19 foi sentida de maneira mais intensa, sobretudo, nos países emergentes, onde os impactos na renda exacerbaram a situação de fragilidade econômica que já existia nessas localidades. Para o Banco Mundial (2022), dados coletados anteriores à crise e divulgados em 2021 mostraram que mais de 50% das famílias, à época, tanto em países emergentes quanto em economias avançadas, não possuíam capacidade financeira para arcar com seus gastos básicos por mais de três meses, caso ficassem sem renda. O mesmo ocorre para empresas menores, sem formalização e com acesso restrito ao mercado formal de crédito – e que foram as mais afetadas pela pandemia devido aos decréscimos na receita. Ainda de acordo com a instituição, as empresas com melhor capacidade para cobrir seus gastos possuíam um período de até 65 dias para tal, de modo que os negócios de médio porte tinham até 59 dias de rendimentos para cobrir suas despesas, ao passo que as pequenas e microempresas poderiam dispor de até 53 e 50 dias, respectivamente. Ademais, o perfil de atuação dessas empresas está entre os setores mais impactados pela crise do novo coronavírus, como: hospedagem, alimentação, varejo e serviços pessoais.

Não somente, a situação fiscal da região se encontra em um patamar muito mais delicado. Os níveis de dívida vêm se agravando desde 2014, o que limitou os esforços dos países para mitigar as consequências da pandemia. Se comparado com a recessão de 2008, por exemplo, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) o déficit fiscal médio da região era de -0,4% do PIB, contra -3% no ano de 2019. Nesse período, o continente utilizou cerca de 3% do PIB para combater os danos causados pela crise mundial. Todavia, os níveis atuais de endividamento permitiriam uma capacidade de resposta de apenas de 1,5% do PIB (BLACKMAN *et al.*, 2020).

Apesar disso, alguns países detinham uma capacidade maior de expansão fiscal que outros durante esse período. A Tabela 1 ilustra os diferentes níveis de dívida pública dos países da ALC durante a eclosão da crise de econômica de 2008 e no ano antecedente a pandemia, em 2019:

Tabela 1 – Percentual da dívida pública em relação ao PIB

País	2008	2019
Argentina	53,81%	93,3%
Bahamas	25,46%	61,82%
Barbados	81,99%	116,15%
Belize	85,82%	92,99%
Bolívia	36,79%	57,68%
Brasil	62,37%	91,57%
Chile	4,92%	27,52%
Colômbia	32,45%	51,03%
Costa Rica	24,09%	57,14%
El Salvador	46,77%	68,31%
Equador	24,23%	49,09%
Guatemala	20,13%	25,24%
Guiana	62,54%	55,5%
Haiti	36,98%	36,5%
Honduras	22,32%	41,53%
Jamaica	128,89%	96,05%
México	42,49%	53,85%
Nicarágua	26%	39,05%
Panamá	41,49%	41,33%
Paraguai	14,46%	23,7%
Peru	27,93%	26,88%
República Dominicana	33,61%	52,39%
Suriname	15,63%	75,6%
Trinidad E Tobago	13,02%	49,61%
Uruguai	50,2%	64,08%
Venezuela	15,39%	182,45%

Fonte: Blackman *et al.* (2020).

Devido a situação delicada da dívida pública de diversas nações, Blackman *et al.* (2020) argumentam que, apesar da inevitável necessidade de aumentar os gastos nesse período, existem maneiras eficientes de balancear medidas de proteção social sem que haja uma deterioração profunda nas contas públicas.

Por fim, os efeitos colaterais deixados pela pandemia têm sido de grande relevância e com repercussões negativas para a ALC. A crise exacerbou as debilidades históricas, a falta de financiamento em diversos setores importantes para o

desenvolvimento da região, além de evidenciar a fragmentação que a saúde latino-americana e caribenha enfrenta há anos e, conseqüentemente, viu-se uma fragilidade na resposta desse sistema durante o período mais grave da pandemia (OCDE, 2020).

Para discutir uma recuperação que seja, de fato, inclusiva e com efeitos positivos sobre o emprego, renda e que impacte positivamente o desenvolvimento econômico da ALC, é necessário, primeiramente, avaliar os impactos que esse período trouxe nos diversos setores da economia. Para que, assim, as decisões tomadas hoje, serão de fundamental importância para a economia que nos aguarda num futuro próximo.

As próximas seções apresentam alguns efeitos danosos da pandemia do coronavírus nas economias da ALC, especialmente em variáveis estruturais, como as repercussões sobre a pobreza, desigualdade, educação e mercado de trabalho, bem como em uma variável conjuntural, acerca da influência desse período no comércio exterior da região.

3.1 O AUMENTO DA PROBLEZA E O AGRAVAMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Durante as últimas duas décadas, o número de cidadãos vivendo em condições de pobreza no continente latino-americano reduziu-se pela metade. A classe média, por exemplo, que se caracteriza por ter uma renda per capita diária que varia entre US\$13 e US\$70, superou o número de pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade – a viver com renda per capita diária de US\$5,50 até US\$13 – e os pobres, que possuíam menos de US\$5,50 por dia, no ano de 2018. Fazendo que com a região se tornasse predominantemente de classe média (WORLD BANK GROUP, 2021).

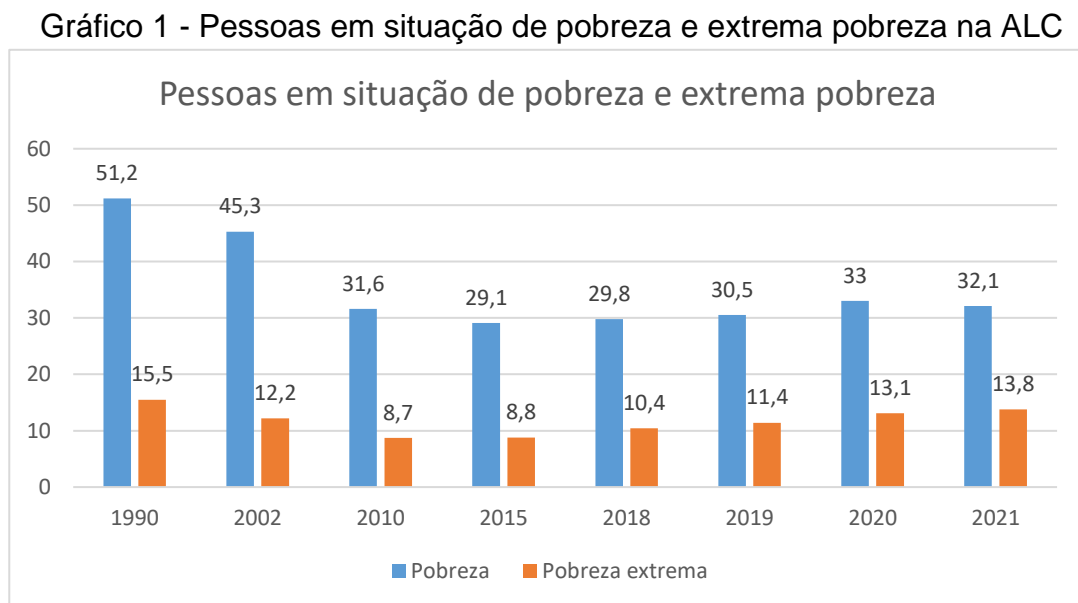
Além disso, a desigualdade social foi decrescendo ao passo que a região vivenciava ganhos significativos no bem-estar social desde a virada do século. Esse fenômeno de expansão da classe média ocorreu, sobretudo, durante os anos de 2002 a 2014, período em que a pobreza foi reduzida de 43% para 25% da população da ALC, bem como o aumento da classe média que representava 22% em 2002 e doze anos depois era de aproximadamente 35% da população (WORLD BANK GROUP, 2021).

No entanto, o baixo crescimento econômico dos países, observado desde 2014, já vinha limitando a continuidade de políticas voltadas à ascensão social dos

mais necessitados. Somado a isso, sucedeu a pandemia do coronavírus, que gerou graves impactos na atividade econômica com repercussões negativas sobre a renda das famílias (WORLD BANK GROUP, 2021).

Os dados apontam para uma reversão de ganhos sociais que foram sendo construídos ao longo de muitos anos e que visavam favorecer as populações mais vulneráveis. Como consequência, a pandemia não somente elevou os níveis de pobreza extrema na região, como impôs um retrocesso de quase três décadas. O ano de 2020 foi caracterizado por um aumento da pobreza registrado em todo o continente. A quantidade de pessoas nessa situação ultrapassou a marca de 200 milhões pela primeira vez em mais de dez anos (CEPAL, 2022).

O Gráfico 1 apresenta a evolução no número de pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza na ALC, em porcentagem, ao longo dos anos:



Fonte: CEPAL (2021)

Com isso, tanto a pobreza quanto a extrema pobreza apresentaram um aumento durante os últimos anos. Em 2020, o nível de pobreza na ALC atingiu o mesmo nível de 27 anos atrás, ao passo que a taxa global de pobreza ficou em um nível muito parecido ao do início deste século (CEPAL, 2022).

Dentre 13 países com dados disponíveis para o ano de 2021, 9 tiveram aumento da taxa de extrema pobreza de, pelo menos, um ponto percentual. Os maiores registros foram na Argentina, Colômbia e Peru, onde a taxa de pobreza superou os 7 pontos percentuais. Já em países como Chile, Costa Rica, Equador e Paraguai, o

crescimento foi de 3 a 5 pontos percentuais. Entre os países com menores aumento da pobreza estão Bolívia, México e República Dominicana, onde o indicador não superou os 2 pontos percentuais (CEPAL, 2022).

Ademais, a crise do coronavírus colocou em evidência as fragilidades de boa parte dos cidadãos do continente. A pandemia tirou 4.7 milhões de pessoas da classe média e as colocou em uma situação de vulnerabilidade ou até mesmo de pobreza já no ano de 2020. Caso desconsiderado os programas emergenciais de transferência de renda, principalmente no Brasil, durante a vigência das medidas de distanciamento social, estimam-se que esse número tenha atingido um total de 12 milhões de pessoas. Não somente, o mesmo se aplica para a condição de pobreza. Por toda a América Latina e Caribe, aproximadamente 20 milhões de pessoas descenderam para essa condição no mesmo ano, sem considerar os auxílios feitos pelos governos (WORLD BANK GROUP, 2021).

No entanto, é importante ressaltar que o único país da região que não registrou um aumento da pobreza e da extrema pobreza no primeiro ano de pandemia foi o Brasil, muito influenciado pela expansão de programas sociais de transferência de renda. Ainda, esse fato influenciou um decréscimo na taxa de pobreza geral para o ano de 2021, que foi de 33% para 32,1%, como mostra o gráfico acima (WORLD BANK GROUP, 2021).

O impacto socioeconômico da pandemia afetou, de maneira mais acentuada, as famílias com crianças. Quase metade das residências com crianças não possuem recursos suficientes para cobrir suas necessidades básicas por mais de duas semanas e uma em cada oito famílias possuem recursos financeiros suficientes para apenas um dia. Paralelamente, esses domicílios, com filhos, possuem maior propensão a depender do trabalho informal como sua fonte de renda primária a evidenciar, assim, uma situação mais precária do que os domicílios sem filhos (DUVILLIER; MCCAFFREY, 2022, texto digital).

Ainda, que o número de famílias sem o mínimo necessário para alimentação elevou-se consideravelmente ao longo da pandemia, em que cerca de 50% das residências com crianças relataram ter que pular refeições contra 23% em 2020. Por outro lado, o impacto nas famílias se dá de maneira distinta, enquanto metade das famílias mais pobres com filhos reduziu a quantidade de alimentos em suas refeições, apenas um quinto dos mais ricos fizeram o mesmo (DUVILLIER; MCCAFFREY, 2022, texto digital).

É sabido que os programas de transferência de renda durante a crise do coronavírus foram importantes para atenuar os efeitos da pandemia e podem até mesmo impactar positivamente na taxa de pobreza, porém só será possível reverter esse cenário através de uma recuperação econômica mais inclusiva e com políticas públicas de assistência social efetivas.

Já acerca do agravamento da desigualdade, a ALC é conhecida por ser uma região de muitos contrastes, onde a desigualdade social é uma característica intrínseca durante toda a história do continente. Aqui a prosperidade e a riqueza caminham junto com a pobreza, o atraso e a vulnerabilidade. Enquanto sobra oportunidades para uns, outros encontrem inúmeras dificuldades para sobreviver (PNUD, 2021).

Apesar dos esforços citados anteriormente no combate à pobreza, a desigualdade reduziu-se modestamente e as ações tomadas têm sido insuficiente para combater esse enorme desafio que o continente enfrenta. A região se encontra em uma realidade de alta desigualdade e baixa produtividade, uma vez que, se comparada a outras localidades do globo, a ALC figura entre as regiões mais desiguais do mundo e com o crescimento mais lento entre todas elas nos últimos anos. Esses desafios já estavam presentes antes mesmo da deflagração da pandemia do coronavírus, mas, desta vez, a crise fez com que o crescimento, os ganhos sociais, bem como seus indicadores, retrocedessem a níveis muito preocupantes e, assim, agravou a necessidade de discussão desse tema (PNUD, 2021).

Do mesmo modo, a crise social, intensificada pela covid-19, continua pesando mais sobre quem já havia ficado para trás. O Coeficiente de Gini da ALC, que é um modo de medir o grau de concentração de renda de um determinado grupo, aumentou em 0,7% entre 2019 e 2020. Igualmente, a desigualdade na América Latina e Caribe aumentou durante o mesmo período, colocando fim em um ciclo decrescente desde 2002 na região (ONU, 2022, texto digital).

No entanto, as repercussões da crise do coronavírus na desigualdade ocorreu de forma muito heterogênea entre os países da região, e os impactos não foram iguais para todos eles. Inclusive, em alguns lugares, não foi verificado um aumento da desigualdade no primeiro ano de pandemia. Isso ocorreu, sobretudo, porque os efeitos da crise na distribuição de renda não a afetam diretamente, além de que as políticas de resposta ao coronavírus foram distintas entre as nações da ALC (CEPAL, 2022).

As maiores altas relativas da desigualdade no continente, segundo o Banco Mundial, considerando o coeficiente de Gini, ocorreram no Peru, Chile, El Salvador e

Bolívia. Igualmente, Uruguai e Equador também registraram aumentos no índice de Gini, porém com menor intensidade do que os países citados anteriormente. Por fim, Brasil, Paraguai, México e Costa Rica melhoraram a sua distribuição de renda e, conseqüentemente, reduziram seus índices (CEPAL, 2022).

Os programas de transferência de renda, desenvolvidos de maneira emergencial para mitigar os efeitos da pandemia nos lares latinos, foram de extrema importância para evitar uma piora ainda mais elevada da desigualdade na região. De acordo com dados da CEPAL (2022), sete países da ALC demonstram que essas ações atenuaram os efeitos da covid-19 sobre a renda da população. Entre os anos de 2019 e 2020 o coeficiente de Gini do continente teria aumentado 4% sem as transferências de renda, no entanto, com os auxílios o acréscimo foi de, aproximadamente, 1%.

A Tabela 2 compara a variação do índice de Gini de sete países da ALC com as transferências de renda e como teria sido o cenário em que os programas de emergências não fossem implementados:

Tabela 2 - Comparação do índice de Gini

País	2019	2020 com transferên-	2020 sem transferên-
		cia de renda	cia de renda
Bolívia	0,43	0,449	0,457
Chile	0,454	0,475	0,488
Costa Rica	0,495	0,49	0,514
Equador	0,456	0,466	0,475
Paraguai	0,473	0,452	0,458
Peru	0,429	0,464	0,477
República Dominicana	0,432	0,405	0,427

Fonte: CEPAL (2022)

Ademais, a perda de renda durante a pandemia prejudicou, em grande parte, os trabalhadores. A queda dos rendimentos relacionados ao trabalho assalariado foi o fator que mais pesou no aumento da desigualdade. Os altos níveis de desigualdade se explicam pelo fato da segmentação produtiva característica da sociedade latino-americana que fomentam a reprodução da desigualdade ao longo do tempo (CEPAL, 2022).

Além disso, no continente, há uma grande parcela da população que está sob um regime informal de trabalho que não oferece nenhum tipo de proteção contra

adversidades, deixando muitos trabalhadores em uma situação de vulnerabilidade para enfrentar choques econômicos, como o que aconteceu com a crise do coronavírus, por exemplo. Somado a isso, há o fato de que o trabalho autônomo é constituído por cidadãos que estão entre as classes mais pobres e as atividades realizadas, em sua maioria, são feitas de maneira presencial, não havendo flexibilidade para trabalhar de casa (PNUD, 2021).

Além da renda, a capacidade das famílias em se adaptar as mudanças na educação muda de acordo com a situação socioeconômica. Durante a pandemia, a cobertura e a qualidade da educação ameaçam toda uma geração. No futuro, isso acarretará em uma desigualdade educacional que impõe dificuldades para os alunos mais vulneráveis. Porém, esse assunto será abordado mais adiante neste trabalho (PNUD, 2021).

Por outro lado, a crise do coronavírus possibilita analisar como a pandemia afetou a patrimônio dos super-ricos na ALC. Apesar de representarem uma parcela muito pequena da sociedade, eles controlam uma expressiva fração dos recursos totais da população. E, portanto, são um fator de fundamental importância para compreender a desigualdade na região (PNUD, 2021).

Segundo a CEPAL (2022, p. 62):

A medição da riqueza não é importante apenas pelo efeito temporário da pandemia, mas principalmente porque permite abordar os fatores estruturais que influenciam na reprodução da desigualdade ao longo do tempo. A posse da riqueza depende, em parte, da estrutura social, uma vez que as posições de afluência tendem a ser herdado de uma geração para outra. A riqueza é menos sensível a mudanças no mercado de trabalho do que a renda e apresenta maior permanência no tempo.

Durante os primeiros cinco meses da pandemia, 73 bilionários da ALC viram seu patrimônio aumentar em US\$48,2 bilhões, o que equivale a um terço do total de recursos necessário em pacotes de estímulos econômicos anunciados por todos os países da região. Somente no Brasil, que possui 42 desses bilionários, o grupo teve sua fortuna acrescida em US\$34 bilhões. Esses dados mostram como os bilionários ficaram imunes à crise do coronavírus numa das regiões mais desiguais do mundo. Além disso, durante a vigência das medidas de distanciamento social, oito novos bilionários surgiram na região, quase um novo super-rico a cada duas semanas (OXFAM, 2020, texto digital).

O Gráfico 2 compara a riqueza dos bilionários em relação as estimativas da riqueza nacional das famílias, tendo como base o patrimônio dos bilionários no ano de 2020 em porcentagem da riqueza nacional de sete países da ALC.

Gráfico 2 - Patrimônio dos super-ricos em 2020



Fonte: CEPAL (2022)

No ano analisado, a riqueza dos mais ricos da região corresponde a, aproximadamente, 3% da riqueza total dos lares dos países pesquisados. As maiores concentrações estão na Argentina, Brasil e México, respectivamente. O coeficiente entre a riqueza média dos bilionários e a do restante da população mostram diferenças espantosas. Apenas no ano de 2020, o bilionário médio possuía US\$149.000 para cada dólar disponível para o não bilionário médio da região, a ter a Argentina com o maior coeficiente da região (CEPAL, 2022).

Dessa maneira, há uma urgência de buscar soluções para o futuro da ALC através de propostas emergenciais que visem estabelecer medidas fiscais que reduzam a desigualdade na região. Embora muitos governos tenham feito esforços para ajudar os mais necessitados durante a pandemia, eles serão, provavelmente, insuficientes para evitar a expansão da pobreza nos próximos anos. A significativa informalidade e a falta de registros desses, dificultaram uma resposta precisa e eficaz (WORLD BANK GROUP, 2021; OXFAM, 2020, texto digital).

Ademais, a pandemia foi mais severa para as famílias mais vulneráveis da ALC, agravando os meios de subsistência, alimentação, segurança e desenvolvimento

humano. A crise, ainda, impõe riscos a perspectiva de crescimento e desenvolvimento inclusivo e sustentável da região, e faz-se necessário ações no que diz respeito a continuidade do apoio financeiro para o suprimento de necessidades básicas, e a expansão de programas de transferência de renda, incluindo os que foram desenvolvidos durante a pandemia do coronavírus com curto prazo de validade (WORLD BANK GROUP, 2021; OXFAM, 2020, texto digital).

3.2 O IMPACTO DA CRISE NO MERCADO DE TRABALHO

A crise do coronavírus deixou um impacto negativo considerável no mercado de trabalho, e afetou, principalmente, os trabalhadores com pouca escolaridade e com limitada proteção social. Antes mesmo da pandemia, já havia o problema em relação a qualidade de grande parte dos trabalhos gerados no continente. Para a Organização Internacional do Trabalho (2021, texto digital), a situação estava longe de ser positiva na ALC, em um cenário de crescimento lento, baixa produtividade e altos níveis de informalidade e desigualdade. Ainda, o baixo crescimento econômico da região entre 2014 e 2019 fez com que houvesse uma leve diminuição na taxa de ocupação, além aumentos na taxa de desemprego de 1,9 pontos percentuais. Em contrapartida, no ano de 2017, embora que modesto, houve uma melhora nos indicadores de trabalho da ALC.

Porém, com a pandemia, a tendência se reverteu e os impactos da crise agravaram a delicada situação da região, intensificado pela dificuldade de gerar de bons empregos, com decentes remunerações e com direitos sociais assegurados.

Por proteção social podemos traduzir como um conjunto de garantias do estado a fim de proteger a sociedade e os indivíduos dos riscos naturais, sociais e econômicos. No entanto, em muitos países, o acesso à essa proteção está condicionado ao trabalho formal. Dessa maneira, e, especialmente, em um momento em que se deflagrou a pandemia, os trabalhadores que não detinham esse direito tornam-se mais vulneráveis e ficam à margem do sistema de proteção social (MOSSI apud UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL, 2020, texto digital).

As medidas para frear a crise sanitária tiveram impacto, também, sobre a oferta e a demanda da imensa maioria das economias do globo. No entanto, a região da ALC foi, comparativamente, mais afetada. A queda acentuada no PIB regional causou uma contração do emprego e da participação no trabalho de 5,5 e 4,5 pontos

percentuais, respectivamente, ao modo que a taxa de desemprego da região se elevou 2,1 pontos percentuais, atingindo o montante de 10,5% e superou os dois dígitos pela primeira vez em mais de uma década. Um impacto sem precedentes no mercado de trabalho da região (CEPAL; OIT, 2021).

Os setores mais afetados pela contração do emprego foram a hotelaria, com queda de 19,2%, a construção, que decresceu 11,7%, o comércio, 10,8% e transportes, 9,2%. Juntos, esses serviços representam cerca de 40% do emprego regional. A indústria e outros serviços também registraram queda na atividade, com decréscimos de 8,6% e 7,5% respectivamente, ao passo que a agricultura registrou a menor queda, com contração de apenas 2,4% (CEPAL; OIT, 2021).

De acordo com o Veloso (2021, texto digital), diferentemente do que aconteceu em outras recessões, esta, em particular, prejudicou mais os trabalhadores informais do que os trabalhadores formais. Estima-se que apenas no ano de 2020, no Brasil, a redução do emprego formal tenha sido de 4,2%, ao passo que a contração no emprego informal tenha sido de 12,6%. Dentre as ocupações de mais baixa escolaridade, as que sofreram maiores reduções foram aquelas com até três anos de estudo, causando uma diminuição de 20,6% e, no grupo de escolaridade entre 4 e 7 anos, a queda foi de 15,8%. Em contrapartida, o emprego de pessoas com 15 anos ou mais de escolaridade aumentou 4,8% durante o mesmo período.

O impacto relativamente maior no emprego informal em relação ao emprego formal, sobretudo no início da pandemia, se deve, principalmente, pelas políticas públicas para proteger o vínculo de trabalho, como as suspensões ou reduções de horários aliados a subsídios estatais, entre outras medidas anunciadas pelos países da região (CEPAL; OIT, 2021).

Paralelamente, as repercussões do mercado de trabalho informal foram mais impiedosas para o gênero feminino. Os impactos da crise recaíram mais intensamente sobre as mulheres e colocam a ALC diante de um cenário de retrocesso na igualdade de gênero no trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho(OIT), a diminuição do emprego informal durante o segundo trimestre de 2020 foi mais acentuada entre as mulheres. Com efeito, a força de trabalho entre 2019 e 2020 reduziu-se 5% entre os homens e 8,1% entre as mulheres, o mesmo ocorreu para a taxa de desocupação da região, que, entre os mesmos anos, foi de 7,2% para os homens e 10,2% para as mulheres (CEPAL; OIT, 2021).

Ademais, dos postos de trabalho de mulheres perdidos no momento mais severo da pandemia, cerca de 4,2 milhões, ainda não haviam sido recuperados até o final de 2021. Por outro lado, para os homens, os quase 26 milhões de empregos perdidos já tinham sido quase todos recuperados no mesmo período. Os dados apontam para uma realidade de fragilidade da inserção da força de trabalho feminina, diante de contextos econômicos precários ou instáveis (ANAMATRA, 2022, texto digital).

Diante disso, os desafios impostos para o período pós-pandêmico são inúmeros. A ALC nunca tinha vivenciado uma crise que tenha impactado tão fortemente o mercado de trabalho na localidade. A transição desse contexto para um cenário de recuperação econômica mais inclusiva depende do controle da pandemia, das taxas de vacinação e da intensidade da recuperação econômica de cada país. Ainda, a retomada econômica e a recuperação do trabalho devem levar em conta a ampliação das desigualdades acentuadas pela crise do coronavírus a fim de gerar empregos com maior qualidade para os trabalhadores da região, e, com isso, combater os retrocessos sociais, econômicos e de gênero que a pandemia deixou no continente (CEPAL; OIT, 2021).

3.3 A EDUCAÇÃO EM RISCO

A perda de um ano letivo pode ser fatal para o aprendizado de uma criança no longo prazo. As consequências da crise podem significar a diferença entre um futuro brilhante e uma vida mais difícil para os estudantes da ALC. Se nada for feito, as cicatrizes deixadas poderão ser sentidas por toda a vida dos discentes afetados, já que a pandemia da COVID-19 fez com que o continente enfrentasse a pior adversidade na educação já vista em toda a história (DI GROPELLO; SAAVEDRA, 2021, texto digital).

Com as medidas de distanciamento social, as escolas tiveram que lidar com uma nova dinâmica de educação a distância e implementá-la em tempo recorde. Muitos sistemas educacionais não estavam preparados para uma mudança brusca tão veloz e tão diferente da cultura tradicional de conhecimento, como ocorre no ensino presencial. A vasta maioria dos países da região adotou medidas para evitar que os alunos ficassem sem aula e, sobretudo, para garantir alguma continuidade na instrução deles durante a quarentena. Com isso, estratégias de aprendizagem remota

multimodais foram implementadas de modo a atender amplamente os discentes e suas famílias, além dos professores (BANCO MUNDIAL, 2021).

Todavia, apesar das ações para garantir o ensino a todos os alunos nesse período, a mesma qualidade e engajamento da aprendizagem são difíceis de lograr, e faz com que a população mais vulnerável amargue os impactos mais negativos da pandemia sobre a educação (BANCO MUNDIAL, 2021).

Um dos maiores desafios nesse período se deu pelo fato da dependência tecnológica necessária para integrar professores e estudantes em um novo modelo de instrução. Ao contrário dos países do norte da Europa, por exemplo, líderes em qualidade educacional e com uma robusta infraestrutura para se adaptar a uma desfavorável conjuntura, a região sofreu com a exclusão. A falta de ferramentas digitais, treinamento dos professores as novas tecnologias, e, até mesmo, a falta de um hardware por parte dos alunos, tornou o cenário ainda mais desafiador na localidade (CAF, 2021, texto digital).

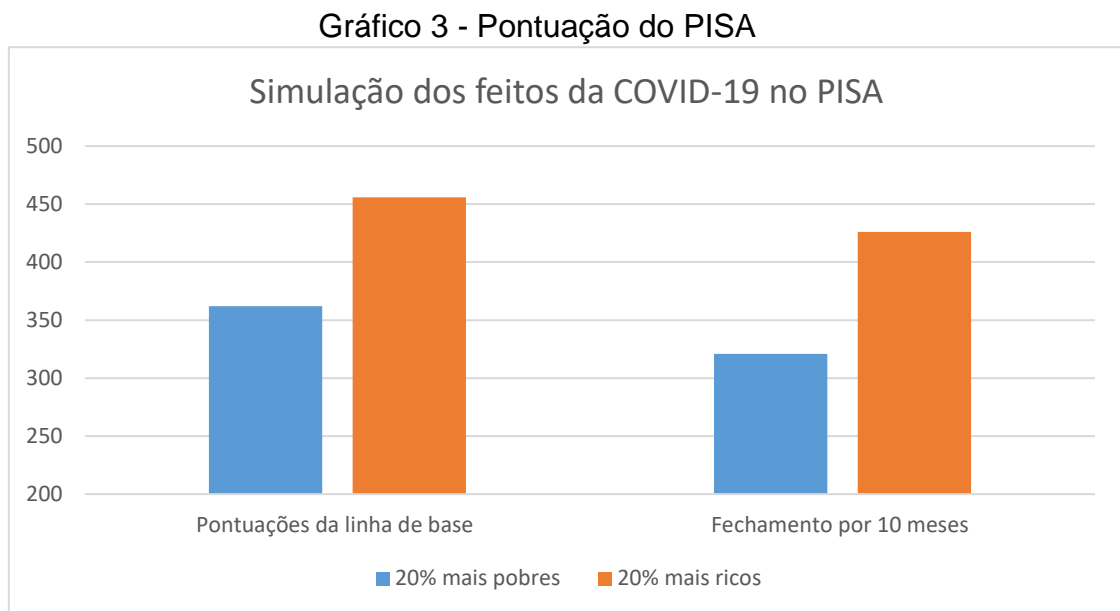
A ALC já enfrentava uma crise no setor de educação antes mesmo da pandemia suceder na região, com uma porcentagem de crianças que não capazes de ler e entender um texto simples beirando os 51%, considerado um nível muito elevado. Não somente, a região já detinha o título de localidade com a maior desigualdade do mundo no acesso dos alunos à educação de qualidade. Com a crise, o cenário foi agravado (DI GROPELLO; SAAVEDRA, 2021, texto digital).

Durante o momento inicial da pandemia, estima-se que mais de 170 milhões de crianças, na ALC, tenham sido afetadas pelo fechamento das escolas. Na média, as crianças e adolescentes da região perderam quatro vezes mais dias letivos, 174 ao total, em comparação com o resto do mundo. E, até fevereiro de 2021, aproximadamente 120 milhões de crianças em idade escolar já haviam perdido ou corriam o risco de perder o ano letivo de educação presencial. Desse modo, os ganhos educacionais conquistados ao longo das últimas décadas correm o risco de serem revertidos e as repercussões na área da educação serão sentidas pelos próximos anos (REIS; COELHO, 2020, texto digital).

Através de dados do Banco Mundial, simulações indicam que a pobreza no aprendizado pode afetar mais de 7,6 milhões de alunos com a perda de até 70% do ano letivo. Com isso, a região deverá ter, na média, até dois em cada três alunos do ensino fundamental que não serão capazes de ler ou compreender um texto apropriado para sua idade. Não somente, o fechamento das escolas em um período de 10

meses, uma realidade para muitas instituições de ensino da região, demonstra que as perdas na educação podem corresponder a 1,3 ano de escolaridade, ajustada pela aprendizagem. Como consequência, mais de 70% dos alunos de todo o globo deverão ter resultados abaixo do razoável de proficiência estabelecidos pelo exame do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes, o PISA (THE WORLD BANK, 2021).

O Gráfico 3 ilustra o cenário de simulação dos efeitos da pandemia nas pontuações do PISA em leitura por quartil, contrastando entre os estudantes mais pobres e os mais ricos da América Latina e Caribe.



Fonte: The World Bank (2021)

As informações acima indicam que os impactos da suspensão das aulas durante a pandemia afetarão todos os estudantes, dos mais pobres aos mais ricos. No médio e longo prazo, os efeitos poderão se traduzir em perdas significativas de capital humano e produtividade para o continente, com custos econômicos agregados que devem gerar perdas de até 1,7 trilhão de dólares para a ALC (THE WORLD BANK, 2021).

Outrossim, as lacunas da educação entre as famílias ricas e pobres na região aumentaram. Milhões de estudantes mais vulneráveis poderão não retornar à escola. O maior risco concentra-se na evasão escolar desses jovens que, seja para assumir tarefas domésticas ou ingressar no trabalho para ajudar no sustento da família, poderão não retornar aos estudos formais. Assim, futuramente, terão menos oportunidades

de acesso a empregos de qualidade e, conseqüentemente, menores salários com rendas mais baixas e serão menos produtivos (REIS; COELHO, 2020, texto digital).

Para o The World Bank (2021), as perdas no aprendizado e os seus custos intrínsecos, ocasionados pelas medidas de contenção do vírus, podem servir de lição para que os governantes possam refletir sobre a qualidade do ensino, além de aproveitar o momento para reconstruir os sistemas educacionais na região. E, com isso, torná-los mais sólidos no longo prazo.

Desse modo, os governos da ALC precisam garantir um financiamento público prioritário para apoiar esse setor nesta conjuntura tão importante. Ao mesmo tempo que pandemia gerou a maior perturbação nos sistemas educacionais da ALC, também criou uma oportunidade única de mudança. E o momento de agir é agora (THE WORLD BANK, 2021).

3.4 OS IMPACTOS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Um dos impactos mais significativos da pandemia do coronavírus foi, certamente, sobre o comércio exterior das nações ao redor do globo. As economias mundiais já enfraquecidas, somado as limitações de mobilidade entre os países e o aumento nas restrições do comércio, fizeram com que surgissem diversos empecilhos para que empresas comprassem e vendessem produtos entre si e, com isso, instaurou-se um cenário muito desfavorável para o comércio mundial.

O estreitamento econômico entre os países permite que as conexões possibilitem trocas de mercadorias, inovações e informações de uma forma muito veloz e eficiente. Por outro lado, da mesma maneira que essas comutações entre eles se espalham pelo globo muito facilmente, os desdobramentos de uma pandemia também o fizeram e perturbaram as cadeias produtivas mundo afora (GRUPO SERPA, 2021, texto digital).

O primeiro local afetado pelo SARS-CoV-2 foi, justamente, um dos principais líderes e com grande importância no comércio mundial, a China. O país é o principal centro de fabricação global e é capaz de cobrir as demandas das mais variadas escalas, além de ser considerado o maior exportador do mundo. Desse modo, a eclosão do coronavírus em um território-chave para o comércio internacional, somado as rígidas medidas de distanciamento social, repercutiu em diversos lugares mediante as cadeias de valor regionais e globais (GRUPO SERPA, 2021, texto digital).

Através das ações tomadas pelo país asiático, especialmente o rígido *lockdown* na província de Hubei, acarretou-se nas suspensões das exportações de insumos para as indústrias automotriz, eletrônica, farmacêutica, entre tantas outras. Como consequência, diversas fábricas na América do Norte, Europa e no resto da Ásia tiveram que interromper a produção, já que a China é o principal provedor dos componentes necessários para essas manufaturas. Além disso, a crise logística que se instaurou na localidade, ocasionou em um acúmulo de cargas, na falta de contêineres e travou o transporte de mercadorias, uma vez que menos navios saiam do país. Além disso, o custo do frete aéreo aumentou devido à falta de voos e o prazo para entrega dos produtos se estendeu, gerando um aumento no custo da importação. Não somente, as perturbações logísticas impactaram o desembaraço de produtos nas alfândegas, uma vez que houve a necessidade de intensificar protocolos de vigilância sanitária (GRUPO SERPA, 2021, texto digital).

No cenário global, os efeitos dessas medidas no volume do comércio mundial de bens e serviços foram sentidos, sobretudo, nos primeiros meses de pandemia. A tabela 3 mostra a variação do volume do comércio mundial de bens em regiões e países de todo o globo, de janeiro a agosto de 2020 em contraste com o mesmo período de 2019 (CEPAL, 2021).

Tabela 3 - Variação no comércio de bens entre 2019 e 2020

Localidade	Exportações	Importações
Mundo	-7,8	-8
Economias avançadas	-9,7	-8,8
Estados Unidos	-12,9	-8,2
Japão	-11,8	-6,7
Zona do Euro	-11,9	-11,1
Economias Emergentes	-3,9	-6,3
China	-1,9	3
América Latina e Caribe	-5	-14,7
África e Oriente Médio	-5,4	-2,7

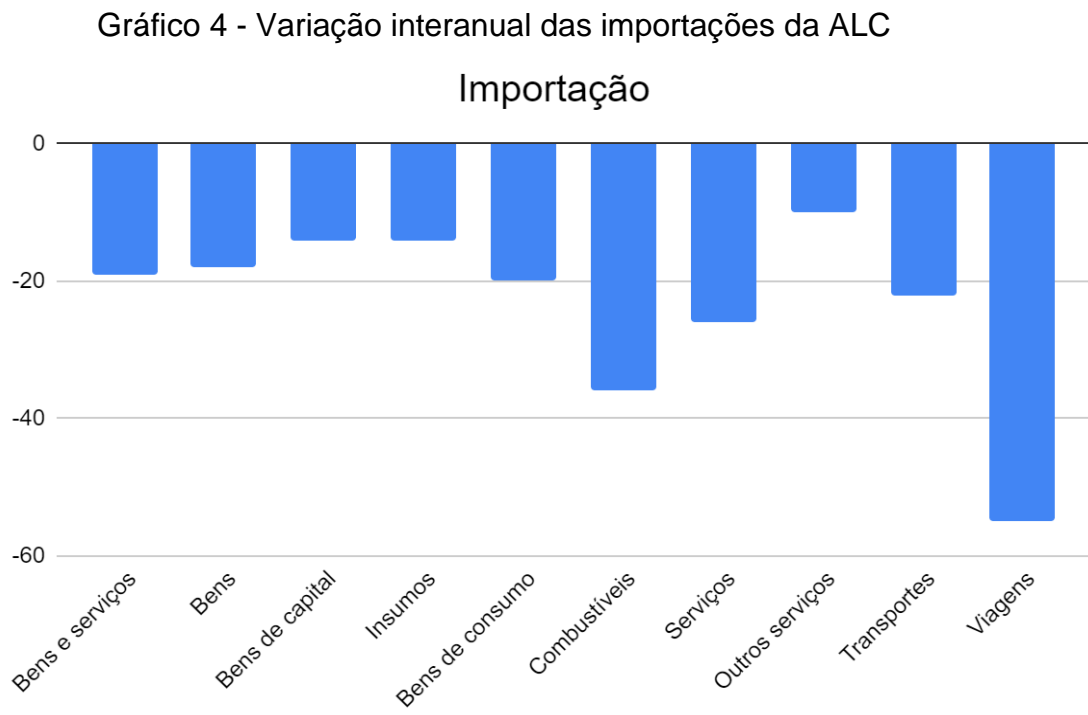
Fonte: CEPAL (2021)

O comércio de bens, foi muito afetado até o mês de maio de 2020, período em que as medidas de confinamento estavam sendo implementadas ao redor do mundo. Essa contração do comércio foi mais sentida pelas economias avançadas do que as economias emergentes. Por outro lado, o comércio de serviços registrou uma queda

de 4,3% no primeiro trimestre, porém foi muito mais afetado no segundo trimestre de 2020, com transporte e viagens entre os setores mais prejudicados (CEPAL, 2021).

Na ALC, os prejuízos puderam ser observados já nos momentos iniciais da crise. No ano de 2020, a região registrou o pior desempenho do comércio exterior desde a crise financeira global de 2008, sendo o continente em desenvolvimento mais afetado do mundo. De acordo com dados da CEPAL, o valor das exportações regionais caiu 13%, ao passo que as exportações caíram 20% no primeiro ano de pandemia (CEPAL, 2020).

O gráfico 4 apresenta a porcentagem da variação interanual do valor das importações da ALC do comércio de bens e serviços separados em categorias.



Fonte: CEPAL (2021)

No primeiro semestre de 2020, as exportações de bens e serviços da região caíram 16% e 30%, respectivamente. Com destaque negativo para as viagens, que foram muito afetadas pela paralisação do turismo que se iniciou em meados de abril e significou uma queda de 53% da receita proveniente desse setor. Ainda, as exportações de serviços apresentaram redução em todas as categorias, ao passo que as de bens só registraram alta para produtos agrícolas e agropecuários. Paralelamente, as importações em ambos os setores ostentaram perdas na casa dos dois dígitos (CEPAL, 2021).

Em contrapartida, a região apresentou sinais de recuperação à medida que as restrições à mobilidade foram sendo suspensas, no avanço da vacinação e dos programas de estímulos econômicos adotados pelos governos. No entanto, a melhora dos setores vem ocorrendo de forma heterogênea, já que o comércio de serviços, por exemplo, foi afetado constantemente com medidas de contenção - que ocorreram inclusive no ano de 2021, ao passo que o comércio de bens demonstrou uma recuperação mais gradual e robusta (CEPAL, 2021).

Para o futuro, as políticas públicas da região devem focar em uma agenda que vise facilitar as transações comerciais na região. Com mais investimentos em infraestrutura, sobretudo em transporte, logística e cooperação digital, além de uma atuação compartilhada entre os países da ALC.

4 O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DURANTE A CRISE DO CORONAVÍRUS E O FUTURO DO CONTINENTE NO PÓS-PANDEMIA

Com a pandemia, a situação econômica e social dos países latino-americanos piorou, agravando a miséria e a desigualdade da região. Para Jaramillo (2022, texto digital), as cicatrizes deixadas pela COVID-19 resultaram na pior desaceleração econômica em mais de meio século, e eliminá-las demandará tempo e esforço. O maior desafio, segundo ele, está no fortalecimento da recuperação econômica e na garantia de um crescimento mais igualitário.

Desse modo, com a desafiadora conjuntura que se instaurou por conta da crise, a atuação do organizações internacionais, que já era de fundamental importância na era pré-pandêmica, se torna ainda mais relevante para os anos que virão, a fim de atender as questões mais urgentes do continente, bem como apoiar projetos de futuro que aspirem uma recuperação econômica mais resiliente para a região.

Já durante os momentos iniciais do surto, algumas organizações internacionais se mobilizaram para apoiar os países da ALC, inclusive financeiramente, a ter uma atuação de grande relevância. Dentre elas, destaca-se as ações do Banco Mundial, que rapidamente instituiu iniciativas para uma resposta imediata aos impactos negativos da COVID-19 na localidade.

A instituição é um *player* importante para nações com baixa renda, uma vez que permite, sobretudo, o financiamento de projetos primordiais para o desenvolvimento da economia local que impactam diretamente na geração de empregos, em melhores condições de saúde e infraestrutura, bem como em muitos outros aspectos (THE WORLD BANK, 2012, texto digital).

Desde o início da pandemia, o grupo Banco Mundial se comprometeu a auxiliar a região com uma quantia superior a US\$29 bilhões. Esses recursos foram utilizados, especialmente, para conter os impactos causados pela crise do coronavírus nos setores de saúde, educação, no auxílio das famílias que sofreram danos climáticos e crises imigratórias durante esse período. Essa foi a maior reação a um evento desse tipo feita pelo grupo em toda a sua história (THE WORLD BANK, 2023, texto digital).

Dentre os projetos mais relevantes, destacam-se os financiamentos que possibilitaram aos países uma melhor condução das medidas sanitárias, bem como programas para fomentar novas oportunidades de crescimento econômico, alguns deles são:

- a) Cerca de US\$ 4.5 bilhões de dólares foram concedidos aos países da ALC para fortalecer os sistemas de saúde da região e apoiar os serviços da vigilância epidemiológica, com o intuito de salvar vidas e minimizar as consequências da crise (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- b) Na Argentina, a instituição designou cerca de US\$ 35 milhões para apoiar os esforços de resposta do país a crise do coronavírus (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- c) Na Bolívia, o Banco Mundial lançou o projeto “Redes de Segurança de Emergência para a crise da COVID-19”, com a finalidade de reduzir os danos econômicos causados pela crise e evitar demasiadas perdas de capital humano (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- d) Em El Salvador, cerca de US\$ 20 milhões foram destinados para o auxílio e prevenção à ameaça da COVID-19 no país e fortalecer o sistema de saúde da localidade (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- e) O Haiti foi beneficiado com uma quantia de US\$20 milhões para que a nação pudesse se prevenir, testar e responder prontamente aos desafios do enfrentamento do coronavírus. Outros US\$20 milhões foram aprovados para apoiar a resiliência do país no longo prazo, aumentando a capacidade de enfrentamento de riscos naturais e choques relacionados à saúde pública (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- f) Honduras recebeu uma ajuda de US\$20 milhões para comprar equipamentos hospitalares em unidades de terapia intensiva e insumos médicos. Não somente, o auxílio permitiu o treinamento e assistência dos profissionais de saúde sobre normas e protocolos relevantes para atuar em tempos de pandemia (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- g) Para o Paraguai, foram destinados US\$ 20 milhões para serem investidos no fortalecimento do sistema de saúde, que lidou com um surto grave de sarampo paralelo a pandemia do coronavírus. Além disso, o financiamento possibilitou a aquisição de equipamentos de laboratório capazes de detectar rapidamente casos de COVID-19 (THE WORLD BANK, 2020, texto digital);
- h) O Peru recebeu quase US\$ 2 bilhões para financiar programas de transferência de renda para as famílias que mais sofreram com as medidas de isolamento social. Desse total, a quantia de US\$ 500 milhões foi destinada para apoiar

reformas no país que fortaleçam as bases para uma recuperação econômica verde, desenvolvam resiliência a desastres naturais, melhorem a adaptação às mudanças climáticas e impulsionem a transição para uma economia verde (THE WORLD BANK, 2022, texto digital);

- i) Dois empréstimos totalizando US\$ 830 milhões para a Colômbia, a fim de promover uma recuperação econômica mais equitativa, verde e sustentável, bem como auxiliar o governo colombiano a melhorar a aprendizagem no setor educacional do país (THE WORLD BANK, 2022, texto digital);
- j) Um empréstimo de US\$ 700 milhões para o Equador, com o intuito de manter a implementação de políticas estruturais no âmbito fiscal, promover a criação de empregos e os mais vulneráveis, bem como fortalecer o desenvolvimento sustentável para atingir as metas de neutralidade de carbono até 2050 (THE WORLD BANK, 2022, texto digital);
- k) Outros países da região também receberam apoio financeiro da instituição para lidar com os efeitos da pandemia e possibilitar uma resposta imediata a crise, alguns deles são: Belize, Uruguai, República Dominicana, Dominica, Granada, Panamá, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas e Suriname (THE WORLD BANK, 2022, texto digital).

Doravante, à medida que a ameaça do coronavírus foi perdendo força, o enfoque do banco modificou-se para, essencialmente, minimizar os impactos econômicos em decorrência da pandemia no longo-prazo – através de novas operações e por meio do redirecionamento de fundos de projetos já existentes.

Para o futuro, para evitar o baixo crescimento da década passada, os países latinos precisam realizar reformas estruturais urgente, além de avançar na transformação para uma economia mais sustentável (THE WORLD BANK, 2022, texto digital).

Dessa forma, a organização espera avançar no progresso de pautas relacionadas a reformas estruturais, além da ampliação de investimentos em áreas de inclusão, igualdade de gênero, geração de empregos e na capacitação dos países para se prepararem para as mudanças climáticas.

Similarmente, além do Banco Mundial, outra organização internacional teve um papel de apoio fundamental aos países da ALC. O FMI, agiu prontamente para auxiliar financeiramente os seus países membros no enfrentamento da crise do coronavírus.

Além disso, a instituição aprovou uma série de reformas que flexibilizou e ampliou os instrumentos de créditos aos países mais vulneráveis (FMI, 2020, texto digital).

Para o curto prazo, os programas de assistência pretendiam uma estabilização macroeconômica dos países, incluindo a prioridade dos gastos, principalmente na saúde e em áreas sociais, além de prover liquidez para as empresas mais afetadas pela pandemia. Ao priorizar uma maior qualidade e o controle dos gastos, o monitoramento dos programas passou a agir diferentemente das políticas adotadas previamente pela instituição que resultavam em um maior endividamento do governo central (FMI, 2020, texto digital).

Ademais, desde os primeiros momentos da pandemia, o FMI alertou aos países da região acerca da necessidade de utilizar das suas capacidades fiscais para prover liquidez à economia, mas atentar-se à finalidade dos gastos, que deveria ser ágil e com potencial de impulsionar a recuperação econômica da ALC para um cenário pós-pandemia. No caso de países como Chile, Colômbia e Peru, com déficits fiscais e dívida pública em patamares considerados baixos, a instituição recomendou um significativo gasto público, além de programas de estímulos financeiros no longo prazo. Já para nações com situações econômicas similares ao Brasil, por exemplo, a organização alertou sobre a sustentabilidade da dívida pública, ao passo que o país estava provendo um grande estímulo fiscal no primeiro ano da pandemia do coronavírus (BATINI; YEYATI, 2023).

Até meados de 2021, foram designados cerca de US\$111 bilhões para mais de 80 países membros a fim de amparar as nações ao redor do globo durante a crise do coronavírus. Desta quantia, uma parcela relevante foi destinada para a região da ALC, com aproximadamente 60% do valor distribuído para a localidade, totalizando US\$68 bilhões. Com isso, o continente foi o que mais se beneficiou do programa de apoio financeiro do FMI em todo o mundo (ESTADO DE MINAS, 2021, texto digital).

Dentre as principais ações emergenciais de ajudas aos países, destacam-se algumas delas, como:

- a) US\$ 332 milhões para um programa de assistência solicitado pelo governo boliviano para ajudar a combater a COVID-19 (BATINI; YEYATI, 2023);

- b) US\$ 389 milhões destinados a El Salvador para uma assistência financeira emergencial solicitada pelo país logo no início da pandemia (BATINI; YEYATI, 2023);
- c) US\$ 278 milhões para um plano do Paraguai novamente se estabilizar macroeconomicamente, além de sustentar o espaço fiscal para a ampliação dos gastos públicos durante a pandemia (BATINI; YEYATI, 2023).

Para o futuro, a instituição pretende dar continuidade com os auxílios iniciados na pandemia, mas, para isso, haverá condicionantes para que as nações demonstrem esforços na criação de políticas que estimulem o crescimento econômico dos países (ESTADO DE MINAS, 2021, texto digital).

Por fim, a OCDE, que é uma instituição que se dedica ao debate e fomento de melhores padrões financeiros, econômicos, comerciais, sociais e ambientais para as economias globais, realizou sua contribuição de uma forma mais normativa, com indicações e incentivos para uma maior cooperação entre as nações. Apesar de poucos países da ALC estarem entre os países membros da instituição, apenas Chile, Colômbia, Costa Rica e México, a organização quer ter um papel estratégico que possibilite estreitar parcerias eficazes para a troca horizontal de conhecimento e inovação (LUSA, 2022, texto digital).

Com isso, a OCDE busca uma cooperação triangular entre os setores, isto é, um envolvimento dos países, organizações internacionais, sociedade civil, setor privado, filantropos para criar soluções inovadoras, flexíveis e com eficiência de custo com o objetivo de lograr o desenvolvimento sustentável das nações. Para tal, é fundamental que, a partir de agora, os países troquem experiências e aprendam juntos através dos reflexos deixados pela pandemia para que, assim, possam consolidar uma reconstrução mais eficiente (LUSA, 2022, texto digital).

Portanto, para superarmos as cicatrizes que a pandemia está a deixar na ALC, será necessário repensar a maneira com que as políticas públicas estão a impactar a sociedade da ALC. Os erros políticos e econômicos do passado já não poderão ser mais cometidos. Os países deverão focar na transição para uma economia mais verde e no fomento de uma recuperação mais inclusiva. E, para isso, deverão contar com o apoio técnico e financeiro que as organizações internacionais estão dispostas a

oferecer. O caminho para a reconstrução será árduo, e contará com o suporte de diversos setores da sociedade para alcançar resultados satisfatórios no longo prazo.

4.1 OS DESAFIOS ECONÔMICOS NO PÓS-PANDEMIA: ABORDANDO UMA RECUPERAÇÃO ECONÔMICA MAIS RESILIENTE SEGUNDO AS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS

Por conta da crise do coronavírus, a ALC enfrentará mais uma “década perdida”, caracterizada pelo baixo crescimento das economias, com grande volatilidade inflacionária e cambial, além do aumento das taxas de juros que impõe uma difícil retomada para a região. O fraco desempenho econômico apresentado nas últimas décadas, aliado ao crescimento lento projetado para o futuro, evidencia que os problemas estruturais da localidade precisam ser trazidos para o centro da discussão, tornando ainda mais urgente a busca por alternativas para essas contrariedades.

Ademais, é necessário encontrar maneiras mais eficientes para superar essas fragilidades enfrentadas pelo continente há anos e em diversos setores, como o de infraestrutura, educação, capacidade empresarial, inovação e produtividade. Essas debilidades impedem o progresso e impossibilitam um crescimento sustentado desde muito tempo. Por outro lado, no contexto atual, é muito benéfico aproveitar do *momentum* que o debate acerca dessas questões foi amplificado, sobretudo pela pandemia do coronavírus, e possibilita boas oportunidades de ação para a construção de um futuro economicamente mais inclusivo.

Paralelamente, é essencial refletir qual o tipo de recuperação deverá ser implementado para lograr resultados satisfatórios e que atendam às necessidades mais urgentes da população. Passado o pior momento da pandemia, o foco deve estar na implementação de ações que arrefeçam os danos deixados por um período tão conturbado que assolou o mundo.

Em uma conjuntura com fundos cada vez mais escassos, poucos governos terão a sua disposição todos os recursos financeiros e políticos necessários para enfrentar e acabar com todos os problemas de uma vez. Por conseguinte, eles deverão identificar os principais riscos a uma recuperação econômica mais igualitária e priorizar políticas consideradas primordiais para superar as questões mais urgentes.

Os países da ALC terão que enfrentar, sobretudo, três grandes desafios neste novo cenário pós-pandêmico: garantir a sustentabilidade das finanças públicas,

expandir o crescimento econômico mais inclusivo, além de combater a desigualdade social. Como já ressaltado, essas debilidades já eram um problema desde antes da crise, mas foram amplificados durante o fechamento das economias e devem ser confrontados desde já, uma vez que solucioná-los demandará tempo e esforço (GOLDFAJN; INVANOVA; ROLDÓS, 2022, texto digital).

Dentre as diversas maneiras de se ponderar uma recuperação eficiente para a ALC, as instituições destacam a urgente necessidade de revisão da gestão da dívida pública dos países do continente. Diante das adversidades exacerbadas pela crise, como a queda na arrecadação e o aumento do déficit fiscal em toda região, é importante que as nações consigam reverter essa condição ao expandir seus recursos fiscais e usá-los de maneira benéfica para fomentar a economia. Para isso, será preciso aumentar a eficiência das despesas e reduzir desperdícios, bem como mobilizar receitas com impacto neutro no crescimento econômico e realocar recursos para o financiamento de programas sociais (THE WORLD BANK, 2021, texto digital).

Ao melhorar a eficiência dos gastos, os governos podem descartar os dispêndios que não geram benefícios econômicos para seus cidadãos, uma vez que a ineficiência do gasto público na ALC pode chegar a 4,4% do PIB, superior ao gasto médio na área da saúde, que é de aproximadamente 4,1% do PIB da localidade, por exemplo. Não somente, ao reduzir os desperdícios das despesas, limita-se o espaço para a corrupção, o suborno e o superfaturamento – o que corresponde a 26% do custo dos projetos na ALC. Com isso, o ganho obtido através da melhora na gestão das contas públicas possibilita um incremento relevante na receita e que pode ser muito melhor aproveitado pelos países (THE WORLD BANK, 2021, texto digital).

A revisão dos gastos é passo imprescindível para que o estado possa encontrar maneiras para promover o crescimento econômico, revisar seus gastos prioritários, bem como atuar na diminuição da desigualdade dos países. Através disso, será possível obter proveitos, no curto ou médio prazo, ao reconsiderar gastos e direcioná-los para áreas estratégicas (THE WORLD BANK, 2021, texto digital).

Com o intuito de possibilitar um crescimento econômico convincente e fomentar novas oportunidades nos países da região, a OCDE reforça a necessidade de reformas estruturais que tornam as economias mais eficientes, especialmente, com o objetivo de permitir um melhor ambiente de negócios, ampliar a eficiência do sistema tributário, a redução de isenções e taxas que favorecem a determinados setores, além de reforçar o combate à corrupção na região. Dentre os esforços já realizados pelos

países do continente, destacam-se a reforma da previdência brasileira e chilena, e as reformas fiscais feitas por Colômbia e Costa Rica. Esses esforços abrem caminho para que os países tenham tração para crescer e superar os impactos da crise do coronavírus (STEP, 2021).

Ainda, a fim de avançar com uma agenda de recuperação econômica no pós-pandemia do coronavírus, a ALC terá que lidar com os riscos que as instabilidades no setor financeiro podem causar na economia em geral. As repercussões negativas da pandemia impulsionam o endividamento e as fraudes fiscais. As inúmeras intervenções no setor para atenuar os efeitos da crise foram diversos e cumpriram sua função de evitar que famílias e empresas fossem levadas para inadimplência de forma generalizada. Mas, por outro lado, deixam um legado conturbado de dependência desses incentivos ao bom funcionamento desse sistema. Ademais, muitas instituições poderão tentar maquiar os dados para relativizar a dimensão do problema que podem estar a enfrentar (THE WORLD BANK, 2022, texto digital).

O fardo da alta inadimplência sobre as famílias e as empresas, acentuada principalmente pela pandemia, pode pressionar, ainda mais, a qualidade dos ativos bancários, uma vez que os empréstimos para famílias e empresas não financeiras constituem cerca de 48% do balanço patrimonial dos bancos. Desse modo, é preciso que os governantes estejam atentos ao crescimento da dívida de empresas e famílias para evitar rupturas no Sistema Financeiro (BID, 2022).

Logo, garantir a estabilidade do sistema bancário e a criação de mecanismos eficazes para resolver a insolvência de obrigações, pode permitir uma recuperação econômica, já que um sistema de insolvência mais eficiente, pode permitir o acesso mais facilitado ao crédito, melhora a recuperação dos credores, preserva empregos, além de diminuir os índices de falência (THE WORLD BANK, 2022, texto digital).

Outro fator crucial para o impulsionar o crescimento da ALC será a geração de empregos de qualidade. O continente esbarra na baixa produtividade da população e na desaceleração econômica dos países. Apesar da região registrar no ano de 2023 um crescimento do emprego em cerca de 9 milhões de vagas acima do nível pré-pandemia, a qualidade dessas ocupações, no entanto, parece ser insuficiente. Somado a isso, há um número expressivo de trabalhadores informais, que representam cerca de 58% do emprego da toda a região (RIPANI, 2023, texto digital).

Em um cenário onde muitos trabalhadores do continente não recebem o suficiente para a sua sobrevivência, sobretudo em países com alta inflação e condições

precárias de trabalho, é necessário que a região estimule a criação de empregos decentes e de qualidade. A vulnerabilidade desses trabalhadores, principalmente os que estão em situação de informalidade, faz com que eles não possuam condições suficientes para obter estabilidade de renda e salário, tampouco a possibilidade de poupar contra imprevistos e, ainda, deteriora as condições de se obter uma aposentadoria decente (RIPANI, 2023, texto digital).

O desafio para gerar melhores empregos deve ser priorizado pelas políticas econômicas dos países da região. Esse processo será longo e complexo, pois é necessário superar o alto nível de informalidade, a baixa produtividade e a pobreza da região. Para Ripani (2023, texto digital), para gerar empregos decentes, não basta apenas fomentar o crescimento econômico, mas sim investir na aplicação de medidas macroeconômicas relevantes, como a realocação de trabalhadores de empregos pouco produtivos para trabalhos mais produtivos, no incentivo do aumento da produtividade e da qualidade dos empregos em geral (RIPANI, 2023, texto digital).

Além disso, é essencial que as nações construam forças para capacitar os trabalhadores para os ofícios do século XXI, para que possam se adaptar as novas necessidades que os mercados estão a exigir de seus funcionários. Principalmente, para as ocupações no âmbito digital e, ainda, aproveitar os benefícios que a transição para uma economia mais verde gerará no mercado de trabalho. Para os anos de 2023 e 2024 espera-se um crescimento abaixo das expectativas, e, com isso, em tempos de desaceleração econômica, faz-se ainda mais necessário a aplicação dessas ações para que o continente possa, enfim, começar a superar esse empecilho de perdura por tantos (RIPANI, 2023, texto digital).

Por fim, dentre os pontos mais fundamentais para se pensar em uma recuperação mais resiliente e inclusiva para a ALC, será o esforço para viabilizar uma recuperação verde e sustentável de todo o continente. Os prováveis danos climáticos sobre os países em desenvolvimento serão intensos, sobretudo devido ao aumento das calamidades climáticas, a degradação do ecossistema, além da perda dos meios de subsistência para muitos cidadãos da região. Os efeitos desse fenômeno já começam a se manifestar de diversas formas, como a seca que afetou a agricultura e a geração de energia no território argentino, brasileiro e paraguaio, e os furacões de fortes intensidades que devastaram a região caribenha por duas estações seguidas, por exemplo (BID, 2022).

Apesar de contribuir em menor escala para as mudanças climáticas de maneira geral, totalizando cerca de 8% das emissões em 2018, os países da região são um dos que mais sofrem com as calamidades derivadas desse fenômeno. Dentre as vinte nações que mais acarretaram reduções na porcentagem do PIB devido às mudanças climáticas, oito países estão na região do Caribe. As consequências desses eventos, para o continente, se refletem na perda de bilhões de dólares em danos na infraestrutura, a queda na produtividade, a disseminação de doenças, pobreza e a morte (BID, 2022).

Todavia, para reverter essa realidade, a localidade precisa aproveitar as oportunidades de crescimento verde para se destacar e obter ganhos em um cenário que caminha, cada vez mais, para a sustentabilidade. Diversos países da ALC já se comprometeram a reduzir as emissões de gás carbônico, diminuir o desmatamento e depender cada vez menos do carvão até o ano de 2030. Para isso, tanto o setor público, quanto o privado devem se mobilizar em ações conjuntas para atingir essas metas ousadas sem que haja uma diminuição da produção ou evitar que haja um aumento no preço dos setores que serão mais impactados por essas metas (BID, 2022).

Com efeito, a ALC detém vantagens comparativas que podem beneficiá-la na transição para uma economia mais verde. No esforço de se estruturar para atender as expectativas e, de fato, produzir de uma maneira sustentável, o continente terá de adotar medidas que sejam admiráveis pela forma de produção, possibilitando-a de adquirir prêmios por isso e expandir sua atuação para novos mercados. Não somente, essa reestruturação produtiva poderá visar uma melhora na eficiência e produtividade, além de facilitar a introdução de novas tecnologias de baixo carbono que possibilitará que a localidade se aproxime da fronteira tecnológica e torne-se, cada vez mais, inovador (BID, 2022).

Ademais, o continente possui uma matriz energética limpa muito abundante e eficiente, especialmente na América do Sul. Somado a isso, há um potencial energético não aproveitado de energia solar, eólica e geotérmica, que colocam a região em situação muito confortável para atingir uma eficiência energética, caso medidas para tal sejam realizadas. Outrossim, a ALC é rica em minerais essenciais necessários para a economia do futuro. Na localidade está o chamado “triângulo do lítio”, constituído por Argentina, Chile e Bolívia, que juntos possuem 60% das reservas globais desse componente. O lítio é utilizado em grande parte dos carros elétricos de baterias de íon de lítio e, para o futuro, espera-se que o ganho de escala e o intenso investimento em

pesquisa neste componente faça com que o preço continue caindo e a demanda seja cada vez maior. O mesmo acontece para o cobre e o níquel, que são fortemente utilizados para as tecnologias elétricas e espera-se que a demanda por esses componentes excederá a oferta já no médio prazo, beneficiando os países da região que possuem reservas desses componentes (BID, 2022).

Portanto, o continente possui um futuro de grande potencial para lograr melhores resultados para a sua população que aspira um horizonte com mais oportunidades e uma melhor qualidade de vida. Contudo, para atingir tais objetivos, é necessário um planejamento de médio e longo prazo, compromissos reais com as políticas adotadas, instituições fortes e independentes, além do investimento em capital humano, empresarial e físico, a fim de prover conhecimento e estrutura necessários para atingir resultados robustos. As instituições internacionais, juntamente com os governos e a esfera privada, terão um papel primordial na construção de um novo futuro mais inclusivo e resiliente para a América Latina e o Caribe em um mundo que enfrentará novos e antigos desafios no pós-pandemia do coronavírus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento da pandemia do coronavírus impôs um novo desafio, dentre tantos, que a ALC precisou enfrentar. Esse fenômeno estremeceu as já fragilizadas estruturas do continente e provocou impactos que serão repercutidos, inclusive, no longo prazo. A perda de renda, os efeitos negativos na educação, o incremento da pobreza, a piora da desigualdade social, além dos desequilíbrios macroeconômicos, são exemplos das adversidades que estabelecem uma nova realidade a ser afrontada pelos países da região.

A partir dos dados explicitados neste trabalho, constatou-se a magnitude dos efeitos danosos que pandemia gerou em algumas, e fundamentais, variáveis econômicas. A importância de se compreender a gravidade da situação em que o continente esteve submetido, faz-se muito significativo para possibilitar uma reflexão profunda acerca de temas relevantes, além do engajamento das diversas esferas sociais para repensar as estratégias para o futuro.

Diante deste novo cenário, a construção de uma economia resiliente e mais inclusiva em um horizonte próximo, precisará contar com o apoio fundamental das organizações internacionais, não apenas pela significância do apoio financeiro em projetos essenciais para o desenvolvimento dos países em que atuam, mas também pela importância da capacidade técnica de análise e elaboração de projetos com impactos positivos para a população e com potencial para mitigar os efeitos negativos da pandemia no médio e longo prazo.

A agenda para uma recuperação econômica alicerçada em políticas de inclusão e desenvolvimento é extensa e muito ambiciosa, porém extremamente necessária. Os desafios são muitos e, em alguns casos, levarão tempo para verificar os impactos positivos das políticas aplicadas. Apesar de devastadora, a pandemia abre oportunidades para o continente de se readaptar e construir a sua base para consolidar um seu futuro mais inclusivo e mais verde.

Compreender o que foi a pandemia do coronavírus e sua repercussão no continente é fundamental para que seja possível melhorar a interpretação e a administração de situações complexas e com alto nível de incerteza, para que, assim, no futuro, seja possível antecipar e responder a esses eventos de forma mais sólida e efetiva frente as adversidades inesperadas.

Para os desdobramentos futuros, o presente tema de pesquisa pode ser utilizado não só como base para a reflexão de um período tão conturbado para a ALC, com custos humanos e econômicos imensos, mas também como um alicerce para uma discussão mais ampla e atual sobre quais fatores deverão ser levados em consideração ao elaborar estratégias econômicas a fim de possibilitar um crescimento econômico mais inclusivo e que supere, de uma vez por todas, os percalços que, há anos, o continente vem enfrentando.

REFERÊNCIAS

- ADAM, D. The pandemic's true death toll: millions more than official counts. **Nature**, [s.l.], 18 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-022-00104-8>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- ANAMATRA. Dia Internacional da Mulher: mais de 4 milhões de mulheres não conseguiram retornar ao trabalho na América Latina e no Caribe. **ANAMATRA**, 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.anamatra.org.br/imprensa/noticias/31989-dia-internacional-da-mulher-mais-de-4-milhoes-de-mulheres-nao-conseguiram-retornar-ao-trabalho-na-america-latina-e-no-caribe>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BALAKRISHNAN, R.; TOSCANI, F. Como o boom das commodities ajudou a reduzir a pobreza e a desigualdade na América Latina. **IMF Blog**, [s.l.], 21 jun. 2018. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2018/06/21/blog-how-the-commodity-boom-helped-tackle-poverty-and-inequality-in-latin-america>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BANCO INTERNACIONAL PARA RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO – BID. **Consolidando a recuperação**: aproveitando as oportunidades do crescimento verde. Washington: BID, 2022. Acesso em: 25 nov. 2022.
- BANCO INTERNACIONAL PARA RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO – BID. **Recuperação do crescimento**: Reconstruindo economias dinâmicas pós-COVID-19 em meio a restrições orçamentárias. Washington: BID, 2021. Acesso em: 01 dez. 2022.
- BATINI, N.; LEVY-YEYATI, E. **The IMF's Engagement with Latin America During the Pandemic**. Washington: International Monetary Fund, 2023. Disponível em: <https://ieo.imf.org/-/media/IEO/Files/evaluations/completed/03-20-2023-emergency-response-to-the-covid-19-pandemic/erp-bp11-the-imfs-engagement-with-latin-america.ashx>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- BBC. Covid: como América do Sul passou de epicentro da pandemia a líder em vacinação. **BBC News**, [s.l.], 31 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59808572>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- BLACKMAN, A.; IBÁÑEZ, A. M.; IZQUIERDO, A.; KEEFER, P.; MOREIRA, M. M.; SCHADY, N.; SEREBRISKY, T. A política pública de combate à recomendações para a América Latina e o Caribe. [s.l.]: BID, 2020. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/portuguese/viewer/A-politica-publica-de-combate-a-Covid-19-Recomendacoes-para-a-America-Latina-e-o-Caribe.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- BOGMANS, C.; RESTREPO, J. O desafio dos preços moderados das commodities na América Latina. **IMF Blog**, [s.l.], 22 mar. 2019. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2019/03/22/blog-the-challenge-of-moderate-commodity-prices-in-latin-america#:~:text=O%20desafio%20dos%20pre%C3%A7os%20moderados%20das%20commodities%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina,->

Christian%20Bogmans%20e&text=Na%20Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20no,renda%20e%20reduzir%20a%20pobreza. Acesso em: 29 nov. 2022.

CAF. Educação em uma pandemia: um ano perdido para a América Latina?. **CAF**, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.caf.com/pt/presente/noticias/2021/03/educacao-em-uma-pandemia-um-ano-perdido-para-a-america-latina/#:~:text=Estima%2Dse%20que%20no%20momento,do%20jogo%E2%80%9D%20%C3%A9%20exclus%C3%A3o%20digital>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CEPAL. **Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe 2018**. Santiago: CEPAL, 2019. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44326/141/S1801219_es.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

CEPAL. Comércio internacional da América Latina e do Caribe cairá 23% em 2020 devido aos efeitos da pandemia. **CEPAL**, 06 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/comercio-internacional-america-latina-caribe-caira-23-2020-devido-efeitos-pandemia>. Acesso em: 12 jan 2023.

CEPAL. **Latin America and the Caribbean and the COVID-19 pandemic: Economic and social effects**. Santiago: CEPAL, 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/45351>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CEPAL; OIT. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe: trabajo decente para los trabajadores de plataformas en América Latina**. Santiago: CEPAL, 2021. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/46955-coyuntura-laboral-america-latina-caribe-trabajo-decente-trabajadores-plataformas>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CEPAL. Pandemia provoca aumento nos níveis de pobreza sem precedentes nas últimas décadas e tem um forte impacto na desigualdade e no emprego. **CEPAL**, Santiago, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CEPAL. **Panorama Social de América Latina 2021**. Santiago: CEPAL, 2022. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/47808-panorama-social-america-latina-2021-resumo-executivo>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CEPAL. **Perspectivas do Comércio Internacional da América Latina e do Caribe 2021: em busca de uma recuperação resiliente e sustentável**. Santiago: CEPAL, 2021. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/47637-perspectivas-comercio-internacional-america-latina-caribe-2021-busca-recuperacao>. Acesso em: 18 jan. 2023. Acesso em: 15 jan. 2023.

CEPAL. **Perspectivas del Comercio Internacional de América Latina y el Caribe**. Santiago: CEPAL, 2021. Disponível em:

<https://www.cepal.org/es/publicaciones/47535-perspectivas-comercio-internacional-america-latina-caribe-2021-busca>. Acesso em: 28 jan. 2023.

CORDEIRO, R.; KIND, L. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a Covid-19 no Brasil. **Psicologia e Sociedade**, [s.], v. 32, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>. Acesso em:

DUVILLIER, L.; MCCAFFREY, C. Almost half of households with children in Latin America and the Caribbean struggle to make ends meet. **UNICEF**, 10 mar. 2022.

Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/en/press-releases/almost-half-households-with-children-in-latin-america-and-caribbean-struggle-to-make-ends-meet>. Acesso em: 01 nov. 2022.

DI GROPELLO, E.; SAAVEDRA, J. COVID-19 e a crise de aprendizagem na América Latina e no Caribe: Como podemos prevenir uma tragédia?. **World Bank**, [s.], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/pt/education/covid-19-e-crise-de-aprendizagem-na-america-latina-e-no-caribe-como-podemos-prevenir-uma#:~:text=Ent%C3%A3o%20o%20que%20fazer%3F,priorizados%20no%20processo%20de%20vacina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 jan. 2023.

ÉPOCA NEGÓCIOS. O número de mortes por covid-19 no mundo em 2021 já supera o total de 2020. **Época Negócios**, [s.], 11 jun. 2021. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2021/06/o-numero-de-mortes-por-covid-19-no-mundo-em-2021-ja-supera-o-total-de-2020.html>. Acesso em: 05 nov. 2022.

ESTADO DE MINAS. Mais de 60% do apoio do FMI na pandemia foi para a América Latina. **Estado de Minas**, 24 maio 2021. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/05/24/interna_internacional,1269836/mais-de-60-do-apoio-do-fmi-na-pandemia-foi-para-a-america-latina.shtml. Acesso em: 02 fev. 2023.

EURONEWS, A year on from Europe's first lockdown, Italy mulls new restrictions.

Euronews, [s.], 09 mar. 2021. Disponível em: <https://www.euronews.com/2021/03/09/a-year-on-from-europe-s-first-lockdown-italy-mulls-new-restrictions>. Acesso em: 05 nov. 2022.

FMI. Os empréstimos emergenciais do FMI: atender as necessidades urgentes de financiamento em decorrência da pandemia. **FMI**, 16 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2020/11/16/blog-imf-lending-lifeline-addressing-urgent-financing-needs-brought-on-by-the-pandemic>. Acesso em: 02 fev. 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. O Enfrentamento da Covid-19 na América Latina:

As respostas de Argentina e México. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 03 nov. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/video/o-enfrentamento-da-covid-19-na-america-latina-respostas-de-argentina-e-mexico>. Acesso em: 07 nov. 2022.

GAIA, D. H. Peste Antonina: a primeira pandemia do mundo antigo. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, mar. 2021. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/peste-antonina/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. *E-book*. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

GOLDFAJN, I.; IVANOVA, A.; ROLDÓS, J. Forte recuperação perde impulso na América Latina, salientando as necessidades de reformas. **IMF**, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2022/01/31/blog-latin-america-strong-recovery-is-losing-momentum-underscoring-reform-needs>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.

GRASSO, D. Em 2020, 1,8 milhão de vidas levadas pela covid-19. Em 2021, a esperança da vacina. **El País**, [s.], 31 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.el-pais.com/sociedad/2020-12-31/em-2020-18-milhao-de-vidas-levadas-pela-covid-19-em-2021-a-esperanca-da-vacina.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GRUPO SERPA. Quais foram e quais serão os impactos do coronavírus no Comércio Exterior?. **Grupo Serpa**, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.grupo-serpa.com.br/impactos-do-coronavirus-no-comercio-exterior/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HOCHMAN, G.; BIRN, A. E. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 577-587, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02204801>. Acesso em: 04 nov. 2022.

INSTITUTO BUTANTAN. Não vacinados representam 75% das mortes por Covid-19, diz estudo brasileiro. **Instituto Butantan**, 04 mar. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/nao-vacinados-representam-75-das-mortes-por-covid-19-diz-estudo-brasileiro?lang=EN>. Acesso em: 04 nov. 2022.

JARAMILLO, C. F. América Latina e Caribe precisam acelerar recuperação econômica. **World Bank**, 04 fev. 2022. Disponível em: <https://www.world-bank.org/pt/news/opinion/2022/02/07/latin-america-and-the-caribbean-must-urgently-strengthen-the-recovery>. Acesso em: 24 nov. 2022.

KANTIS, C.; KIERNAN, S.; BARDI, J. S.; POSNER, L.; TURILLI, I. UPDATED: Timeline of the Coronavirus. **Think Global Health**, [s.], 09 jun. 2023. Disponível em: <https://www.thinkglobalhealth.org/article/updated-timeline-coronavirus>. Acesso em: 02 nov. 2022.

KPMG. **Uma análise do impacto econômico da COVID-19 na América do Sul**. [s.]: KPMG, 2020. Disponível em: <https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/br/pdf/2020/08/analise-impacto-covid-19-america-sul.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

LINGER, C.; TOBAR, S. América Latina e Caribe entre a Covid-19 e a crise econômica e social. *In*: BUSS, P. M.; FONSECA, L. E. **Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. p. 199-211. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49970>. Acesso em: 04 nov. 2022.

LUSA. OCDE. Resposta à pandemia introduz "novo paradigma" nas políticas de ajuda ao desenvolvimento. **PTP Notícias**, 07 out. 2022. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ocde-resposta-a-pandemia-introduz-novo-paradigma-nas-politicas-de-ajuda-ao-desenvolvimento_n1437961. Acesso em: 05 fev. 2022.

MARSON, M. D.; SIVIERO, P. C. L. Os efeitos econômicos da pandemia de gripe espanhola de 1918: uma análise empírica da mortalidade sobre a economia de São Paulo. **Anpec**, 2020. Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2021/submissao/files_/i3-f61cacc769309e6bb84e484248b893fd.pdf. Acesso em: 05 nov. 2022.

MAXMEN, A. Wuhan market was epicentre of pandemic's start, studies suggest. **Nature**, [s.l.], 27 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-022-00584-8>. Acesso em: 05 nov. 2022.

NASCIMENTO, P. M. do. América Latina e os Impactos Estruturais ocasionados pela Covid-19. **Cadernos do Tempo Presente**, Recife, v. 9, n. 2, p. 28-43, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente/issue/view/1066>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NHS. Landmark moment as first NHS patient receives COVID-19 vaccination. **NHS**, 08 dez. 2020. Disponível em: <https://www.england.nhs.uk/2020/12/landmark-moment-as-first-nhs-patient-receives-covid-19-vaccination/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

NORONHA, K. V. M. de S.; GUEDES, G. R.; ANDRADE, M. V.; BOTEGA, L.; NOGUEIRA, D.; CALAZANS, J. A.; CARVALHO, L.; SERVO, L.; FERREIRA, M. F. Pandemia por COVID-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. **Cad. Saúde Pública**, [s.l.], v. 36, n. 6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00115320>. Acesso em: 02 dez. 2022.

OCDE. COVID-19 na região da América Latina e Caribe: implicações sociais e econômicas e políticas prioritárias. **OCDE Library**, Paris, 2020. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/development/covid-19-na-regiao-da-america-latina-e-caribe-implicacoes-sociais-e-economicas-e-politicas-prioritarias_433b9d11-pt. Acesso em: 07 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Covid-19 faz pobreza extrema crescer na América Latina após três décadas. **ONU News**, 28 jan, 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/01/1778032>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. **OPAS**, [s.l.], 05 maio 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021#:~:text=Genebra%2C%205%20de%20maio%20de,de%20aproximadamente%2014%2C9%20milh%C3%B5es%20>. 02 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. Após dois anos de pandemia, a recuperação do emprego tem sido insuficiente na América Latina e no Caribe. **OIT**, 01 fev. 2022. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_836203/lang--pt/index.htm. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 dez. 2022.

OXFAM. Bilionários da América Latina aumentaram fortuna em US\$ 48,2 bilhões durante a pandemia. **OXFAM**, [s.], 27 jul. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/bilionarios-da-america-latina-e-do-caribe-aumentaram-fortuna-em-us-482-bilhoes-durante-a-pandemia-enquanto-maioria-da-populacao-perdeu-emprego-e-renda/#:~:text=Segundo%20dados%20do%20re-lat%C3%B3rio%2C%2073,to-dos%20os%20pa%C3%ADses%20da%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PAIVA, C. C. de; PAIVA, S. C. F. de. No Brasil, impacto econômico da pandemia será forte e duradouro. **Jornal da UNESP**, São Paulo, 02 jul. 2021. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/07/02/no-brasil-impacto-economico-da-pandemia-sera-forte-e-duradouro/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PEREIRA, J. M. M. A atuação do Banco Mundial ameniza ou piora o impacto da pandemia global? A atuação do Banco Mundial ameniza ou piora o impacto da pandemia global?. **Caderno de Saúde Pública**, [s.], v. 36, n. 12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00230620>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PIENKNAGURA, S.; ROLDÓS, J.; WERNER, A. A pandemia obscurece a recuperação na América Latina e Caribe. **FMI**, 22 out. 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2020/10/22/blog-whd-reo-october-pandemic-persistence-clouds-latam-and-caribbean-recovery>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PNUD. **Regional Human Development Report 2021**. Trapped: High Inequality and Low Growth in Latin America and the Caribbean. [s.]: PNUD, 2021. Disponível em: <https://www.undp.org/latin-america/publications/regional-human-development-report-2021-trapped-high-inequality-and-low-growth-latin-america-and-caribbean>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.

REIS, E. M.; COELHO, E. C. Covid-19: mais de 97% dos estudantes ainda estão fora das salas de aula na América Latina e no Caribe. **UNICEF**, 09 nov. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-97-por-cento-dos-estudantes-ainda-estao-fora-das-salas-de-aula-na-america-latina-e-no-caribe>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RIPANI, L. Como criar bons empregos na América Latina e no Caribe?. **BID**, 01 maio 2023. Disponível em: <https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/como-criar-bons-empregos-na-america-latina-e-no-caribe/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ROBLES, C.; ROSSEL, C. **Herramientas de protección social para enfrentar los efectos de la pandemia de COVID-19 en la experiencia de América Latina**. Santiago: CEPAL, 2021. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/47412/1/S2100613_es.pdf. Acesso em: 07 fev. 2022.

RODELLA, T. Cerca de um milhão de cirurgias foram adiadas ou canceladas no SUS durante a pandemia, mostra estudo. **Jornal USP**, São Paulo, 22 set. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/cerca-de-um-milhao-de-cirurgias-foram-adiadas-ou-canceladas-no-sus-durante-a-pandemia-mostra-estudo/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

RUPRECHT, T. Entrevista: por que o número de mortes por coronavírus está subestimado. **Abril**, [s.l.], 03 fev. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/entrevista-por-que-o-numero-de-mortes-por-coronavirus-esta-subestimado>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 16 nov. 2022.

STEP. OECD presents COVID-19 recovery recommendations for Latin American countries. 21 abr. 2021. Disponível em: <https://www.step.org/industry-news/oecd-presents-covid-19-recovery-recommendations-latin-american-countries>. Acesso em: 20 abr. 2023.

THEY, H. Uma breve linha do tempo. **UFRGS**, Porto Alegre, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronaviruslitoral/uma-breve-linha-do-tempo/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

TORREBLANCA, M. E. O que a história nos ensina sobre as consequências econômicas de grandes epidemias como a peste. **Unisinos**, São Leopoldo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597152-o-que-a-historia-nos-ensina-sobre-as-consequencias-economicas-de-grandes-epidemias-como-a-pest>. Acesso em: 4 nov. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS. Impacto da pandemia no trabalho informal. **UFRGS**, Porto Alegre, abr. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/impacto-da-pandemia-no-trabalho-informal#:~:text=Os%20que%20seguem%20trabalhando%20ter%C3%A3o,expostos%20ao%20risco%20de%20contamina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 16 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF. A importância da vacina no combate ao novo coronavírus. **UFF**, 2021. Disponível em: <https://www.uff.br/sites/default/files/sites/default/files/imagens-das-noticias/250221.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

VELOSO, F. O impacto da pandemia no mercado de trabalho. **FGV**, 2021. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/o-impacto-da-pandemia-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 17 jan. 2023.

VIGLIONE, G. How many people has the coronavirus killed?. **Nature**, [s.], 01 set. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02497-w>. Acesso em: 10 nov. 2022.

WERNER, A. América Latina e Caribe em 2019: uma expansão moderada. **IMF Blog**, [s.], 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2019/01/25/blog-latin-america-and-the-caribbean-in-2019-a-moderate-expansion>. Acesso em: 25 nov. 2022.

WERNER, A. Outlook for Latin America and the Caribbean: An Intensifying Pandemic. **IMF**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Blogs/Articles/2020/06/26/blog-outlook-for-latin-america-and-the-caribbean-an-intensifying-pandemic>. Acesso em: 29 nov. 2022.

THE WORLD BANK. Reestruturação da dívida de empresas e famílias. **The World Bank**, 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-3-restructuring-firm-and-household-debt>. Acesso em: 29 nov. 2022.

THE WORLD BANK. Colombia recibirá US\$750 millones para crecimiento equitativo y verde y US\$80 millones para fortalecer la educación. **The World Bank**, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bancomundial.org/es/news/press-release/2022/03/24/colombia-recibira-750-millones-para-crecimiento-equitativo-y-verde-y-80-millones-para-fortalecer-la-educacion>. Acesso em: 29 jan. 2023.

THE WORLD BANK. Getting to Know the World Bank. **The World Bank**, 26 jul. 2012. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/news/feature/2012/07/26/getting_to_know_theworldbank. Acesso em: 04 nov. 2022.

THE WORLD BANK. Os impactos econômicos da crise da Covid-19. **The World Bank**, 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-1-introduction-the-economic-impacts-of-the-covid-19-crisis>. Acesso em: 12 jan. 2023.

THE WORLD BANK. Overview. **The World Bank**, 2023. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/region/lac/overview>. Acesso em: 20 abr. 2023.

THE WORLD BANK. Resposta do Banco Mundial ao COVID-19 (coronavírus) na América Latina e Caribe. **The World Bank**, 02 out. 2020. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/factsheet/2020/04/02/world-bank-response-to-covid-19-coronavirus-latin-america-and-caribbean>. Acesso em: 04 fev. 2023.

WORLD BANK GROUP. The gradual rise and rapid decline of the Middle Class in Latin America and the Caribbean. Washington, DC: 2021. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/831061624545611093/pdf/The-Gradual-Rise->

and-Rapid-Divide-of-the-Middle-Class-in-Latin-America-and-the-Caribbean.pdf.
Acesso em: 14 dez. 2022.

THE WORLD BANK. The World Bank Approved a US\$ 500 Million Loan to Strengthen the Foundations for a Green, Resilient Economy in Peru. **The World Bank**, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2022/03/31/the-world-bank-approved-a-us-500-million-loan-to-strengthen-the-foundations-for-a-green-resilient-economy-in-peru#:~:text=Washing-ton%2C%20D.C.%2C%20March%2031%2C,the%20transition%20to%20a%20green.> Acesso em: 04 dez. 2023.

THE WORLD BANK. The World Bank Approves a US\$ 700 Million Loan to Promote Ecuador's Green, Resilient Economic Recovery. **The World Bank**, 01 fev. 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2022/02/01/the-world-bank-approves-a-us-700-million-loan-to-promote-ecuador-s-green-resilient-economic-recovery#:~:text=WASHINGTON%20D.C.%2C%20Febru-ary%201%2C%202022,job%20creation%20and%20climate%20resilience.> Acesso em: 08 dez. 2022.